

EXPRESSÕES

Gentileza e sentimentos auxiliam na resolução de conflitos e aprendizado

AUTOR (ES): **INGRID VOGL** 20 / MAR / 2017



Vamos falar sobre sentimentos e gentileza? A proposta inusitada da professora Michelle Felipe Barthazar para a turma do 2º ano B da Escola

Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Padre Leão Vallerie, no Parque Valença em Campinas/SP, foi aceita com empolgação pelos alunos em fase de alfabetização.

Na sala com carteiras dispostas em U, de maneira que todos os cerca de 30 alunos consigam se ver, as letras do alfabeto dividem espaço nas paredes com cartazes, desenhos e colagens que remetem às várias expressões emocionais. A colorida Árvore de Boas Atitudes e Sentimentos é formada por recortes que apontam o que os alunos consideram importante para uma boa convivência na escola e estão em sintonia com o que é tratado em sala de aula.

A tarefa da manhã quente daquela quarta-feira, quando estive com a turma, foi criar Pratinhos dos Sentimentos. A partir de um círculo dividido em quatro espaços em uma folha de papel, os alunos desenharam quatro carinhas que expressam os sentimentos que consideram os mais importantes. Lucas Gabriel da Silva, 7 anos, caprichou em seus desenhos e escolheu um giz de cera com um tom bem próximo da cor de sua pele para colorir suas expressões. “Eu me sinto bem, alegre e tranquilo fazendo as atividades sobre os sentimentos que a professora pede. Aprendi que quando sentimos carinho pelas pessoas que são boas conosco, é legal retribuir esse sentimento”, disse.

Alegria, tristeza, raiva e medo foram as expressões escolhidas por Maria Eduarda Abonissio da Silva, 7 anos, para compor seu Pratinho de Sentimentos. “A gente sempre tem que retribuir a bondade das pessoas, mas quando o sentimento é ruim, podemos lidar com eles também. Por exemplo, quando uma amiga está chorando e triste, eu quero ajudar e conversar para que ela melhore”, explicou.

Depois de terminado o desenho, as crianças o recortaram, e com a ajuda da professora, colaram as expressões em um pratinho de plástico. A ideia é que todos os dias, os alunos indiquem, com um prendedor que foi decorado com tinta e glitter pelos próprios alunos, como ele está se sentindo. “O objetivo é que o Pratinho de Sentimentos ajude as crianças a se expressarem e os pais a entenderem melhor como os filhos se sentem naquele determinado dia ou momento”, explicou Michelle.

Conflitos x aprendizado

Para Michelle, conhecer os alunos e perceber o que estão sentindo está diretamente relacionado à mediação de conflitos escolares e à aprendizagem dos pequenos nesta fase de alfabetização. “O mais significativo em todo esse processo é poder criar diálogos para a solução de discórdias e assim ajudar os alunos a lidar melhor com essa questão dos sentimentos. A aprendizagem está permeada pelos conflitos, que se não forem resolvidos influenciam diretamente no ensino e aprendizagem”, afirmou.

Empatia

O que a professora desenvolve em sala de aula tem relação com o ensino de empatia*, que é o sentimento que conecta as pessoas umas às outras captando o que o outro está sentindo. Ensinar sobre a empatia é fazer com que a criança entenda a visão e os valores do próximo e aprenda a se colocar no lugar do outro. Isso resulta em relações interpessoais mais consistentes e onde cooperação, compreensão e solidariedade estão presentes, desenvolvendo na criança o respeito à diversidade, a capacidade do diálogo e a criatividade.

Vivemos em sociedades onde a preocupação com o outro nem sempre é prioridade e neste sentido, a falta de empatia pode ser associada a problemas como o bullying, a intolerância, o preconceito e a violência. E o trabalho com temas relacionados à sentimentos e gentileza que a professora Michelle desenvolve com seus alunos vai justamente nesta contramão, estimulando as crianças a terem relações sociais saudáveis.

Outros resultados positivos que o desenvolvimento da empatia pode acarretar para a criança e seu futuro são o aumento da habilidade de superar adversidades, de lidar com diferenças e conflitos e trazer benefícios na saúde, nos estudos e na carreira profissional.

O assunto também está previsto na Base Nacional Comum Curricular (<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/início>) que deve ter sua versão finalizada neste ano. O documento prevê um conteúdo mínimo que deve ser ensinado da educação infantil ao ensino médio, em todas as escolas municipais, estaduais, federais e particulares. A proposta-base deverá contar com três macro competências: as socioemocionais, as comunicacionais e as

cognitivas (conteúdo das disciplinas). A inclusão das habilidades socioemocionais, como empatia, cooperação e liderança, assim como a competência comunicativa, devido às múltiplas linguagens do mundo atual, visam promover uma formação mais completa para os alunos, muito além das disciplinas que já existem tradicionalmente na grade escolar.

Na direção certa

Com o apoio da família e tendo a continuidade de um trabalho iniciado no ano anterior, o trabalho de Michelle vai de vento em popa. Na opinião de especialistas, a professora está mesmo no caminho certo. Segundo o filósofo francês Edgar Morin, um dos principais objetivos da educação é ensinar valores, que são incorporados pela criança desde muito cedo. “É preciso mostrar a ela como compreender a si mesma para que possa compreender os outros e a humanidade em geral. Os alunos têm de conhecer as particularidades do ser humano e o papel dele na era planetária que vivemos”, disse em entrevista para a revista Prosa Verso e Arte. De acordo com Morin, o sistema educacional, de maneira geral, não incorpora essas discussões e fragmenta a realidade, simplifica o complexo, separa o que é inseparável e ignora a multiplicidade e a diversidade.

Cláudia Chebabi, gerente do Departamento de Educação da Fundação FEAC, concorda com Morin e complementa. “O trabalho da professora é pautado em uma visão do sujeito integral, onde ele não está olhando para alguém limitando a aprendizagem a um viés conteudista. Então olhar para o sujeito de forma integral entendendo que ele está contribuindo para a construção de valores é o que tem de mais rico, porque fazer a construção coletiva de um livro acaba sendo um meio de aprender a escrever, e para criar uma frase, a criança precisa de um raciocínio, o que é uma aprendizagem formal. Portanto, trabalhar com essas temáticas transversais é muito significativo, pois é preciso reconhecer que as relações são importantes, que conceitos como o que eu penso a respeito de algo, como me comporto frente a um conflito e como entendo o que o outro está sentindo é essencial”, avaliou.

Livros coletivos

A necessidade de falar de sentimentos em sala de aula surgiu em reuniões com relato de pais, sobre as angústias a respeito da criação dos filhos, em lidar com frustrações e impor limites. Muito mais do que checar as notas e o comportamento das crianças, os encontros com eles foram transformados em espaços de diálogo. A partir disso, e de uma situação em sala de aula em que uma criança disse para outra que seu cabelo era feio, por ser afro, Michelle sentiu a necessidade de lidar com essas questões em sala de aula.

O trabalho com temáticas transversais às curriculares foi iniciado em 2016, quando a mesma turma estava no 1º ano do ensino fundamental. O primeiro trabalho teve como tema a família, e além de atividades como desenhar e pintar cada uma das crianças em tamanho real e trazer uma cabelereira especialista em estilo afro para a sala de aula que ensinou as crianças como cuidar e valorizar a diversidade de seus cabelos, Michelle criou um livro coletivo sobre o tema. Nele, as crianças expressavam como enxergavam sua composição familiar. A dinâmica consistia no aluno levar o livro para casa e junto com familiares, expressar como era sua família, por meio de desenho e texto.

“A gente (alunos e famílias) já se conhece desde o primeiro ano do ensino fundamental, e o fato do trabalho ter tido uma continuidade foi muito importante. Conhecê-los facilitou o processo. Aprender a ler, escrever é uma ânsia muito grande que os pais têm em relação à escola e aos filhos nestes primeiros anos do ensino fundamental, mas como já trabalhamos esses temas transversais desde o ano passado, as famílias já entendem, reconhecem a importância e não sentem mais estranhamento quando os alunos chegam em casa e dizem que tiveram aula sobre sentimentos”, explicou Michelle.

Quando a sala estava trabalhando sobre como se sentiam em relação à família e identidade, surgiu o tema sentimentos. Os alunos começaram a trazer relatos cotidianos sobre as diferentes emoções que vivenciavam em seus cotidianos. “Eles já sentem muito, mas não sabem nomear, não sabem dizer exatamente o que estão sentindo, mas começam a perceber as sutilezas entre os sentimentos, que são um refinamento das emoções”, disse Michelle.

A professora garante que as discussões sobre sentimentos e gentileza com os alunos facilita seu trabalho. “A escola é um espaço de conflito por excelência. Trabalhar com esses temas transversais facilita muito o desenvolvimento dos conteúdos curriculares. Uma produção de texto, um gráfico que estejam relacionados com sentimentos e gentileza, que são os temas tratados hoje em sala de aula, tem muito mais significado para os alunos e mesclados às disciplinas, facilitam o entendimento das crianças. Tudo que para os alunos tem algum significado, eles fazem com mais atenção, mais empenho e assim acabam aprendendo mais rápido e com mais facilidade”, avaliou a professora.

Produção atual

Este ano, os livros que estão sendo escritos coletivamente com alunos e famílias do 2º ano B têm como tema Gentileza e Sentimentos.

Confeccionados pela professora, com folhas sulfite tamanho A4 unidas por um espiral, os livros trazem a definição dos temas e atos que os exemplificam. As páginas seguintes são destinadas aos alunos e suas famílias se expressarem sobre os temas.

No Gentileza, a página é dividida em duas partes: na parte de cima, os alunos expressam um ato gentil que fizeram e na parte inferior, uma gentileza recebida. Seguro e orgulhoso de suas vivências gentis, Alexander Severiano da Silva Júnior mostra a página que completou. Ele escolheu compartilhar com os colegas o dia em que serviu café da manhã na cama para a mãe; e que recebeu gentilmente um assento no transporte coletivo cedido por uma mulher.

No Livro dos Sentimentos, o aluno ilustra qual foi o sentimento vivenciado que foi marcante para ele. Logo abaixo, escreve qual foi o sentimento. O desafio é que os pais participem do registro. No dia seguinte, o aluno apresenta para toda sala o que escreveu no livro, e o assunto serve de gancho para discutir o tema com toda a sala. “O resultado está sendo surpreendente. Até agora, apareceram sentimentos muito diversos, como a vergonha, a raiva e a explicação é sempre bem contextualizada. E a gentileza está sendo exercitada todos os dias pelos alunos, que já tem um olhar mais aguçado para o outro. Eles começam a entender que a gentileza acontece no dia a dia e nos pequenos gestos”, disse orgulhosa de seus pequenos alunos, que em tempos de individualismo acentuado, vão aprendendo a demonstrar gentileza

e entender o que sentem, se tornando assim pessoas que praticam a cidadania em atos diários.

Destaque na FEAC

O trabalho inédito que a professora Michelle desenvolve é uma das ações pedagógicas da EMEF Padre Leão Vallerie que se destaca como boas práticas na rede pública de ensino de Campinas. Em iniciativas da Fundação FEAC e do Compromisso Campinas pela Educação (CCE), alunos da EMEF foram vencedores do Concurso de Redação Minha Família na Escola, conquistando a terceira e a segunda colocação em 2010 e 2014, respectivamente.

O Concurso tem como objetivo estimular alunos dos 5º e 9º anos do ensino fundamental das escolas públicas de Campinas a se expressarem sobre assuntos referentes à participação da família na vida escolar, e em 2017 vai para sua 8ª edição. Em 2016, o “Projeto Ecologia: a mudança é você quem cria!” (<https://www.youtube.com/watch?v=1pp5qFKS3i8>) se destacou ocupando o segundo lugar no prêmio Atitude Educação, que desde 2014, visa valorizar as ações que qualificam a educação pública em Campinas.

“Iniciativas de premiação são valiosas não pelo prêmio em si, mas pela oportunidade de divulgação de escolas públicas que desenvolvem trabalhos competentes e assim, podem ser reconhecidas e valorizadas. Existe ainda um ganho intangível, em relação a motivação dos alunos em participarem deste tipo de iniciativas que ocorrem no ambiente escolar. Em várias oportunidades, diretores, professores e até familiares dos alunos relataram situações em que houve maior empenho e envolvimento dos alunos nas atividades escolares. No final, o prêmio se torna secundário e os ganhos marginais, de fato são os mais significativos”, ressaltou Cláudia Chebabi.

O Atitude Educação e o Minha Família na Escola são ações do CCE, que tem como meta sensibilizar e mobilizar a sociedade para contribuir com a defesa e garantia dos direitos à educação pública de qualidade em Campinas/SP.

Saiba mais sobre o CCE e suas ações: www.compromissocampinas.org.br

*Saiba mais sobre o ensino de empatia:

<https://manifesto55.com/importancia-de-ensinar-empatia-na-sala-de-aula-e-tambem-fora-dela/>

Diário de classe

Quando cheguei na sala de aula do 2º ano B, as crianças já estavam ansiosas à minha espera. Fui recebida com olhares empolgados e curiosos e convidada pela professora a me sentar. Assim que me acomodei no fundo da sala, uma das alunas veio perguntar o meu nome e idade. Não demorou muito para outra aluna perguntar se eu tinha filhos, e rapidamente, me senti à vontade circulando pela sala e conversando com os pequenos sobre os Pratinhos dos Sentimentos que estavam criando, cada um à sua maneira e com interpretações diversas. Depois de acompanhar toda a atividade, já estava me preparando para me despedir da turma, quando fui surpreendida por uma homenagem, preparada pela professora e seus alunos. Ganhei um original Kit Gentileza, composto com produtos para serem usados em diferentes situações: um vasilhinho de flores para momentos de solidão; um pacote de lenços de papel para quando me sentir triste; uma caneca para que eu possa tomar água quando estiver nervosa e um pirulito e uma máscara carnavalesca, especialmente decorada pelas crianças e pela educadora, para meus momentos felizes. Cada um dos itens foi entregue por diferentes alunos, acompanhados da explicação de seus significados. Depois que agradei o meu Kit, ainda ganhei um abraço coletivo das crianças. Fiquei emocionada com tanta gentileza, tanto carinho e atenção. E agradeço também por ter a oportunidade, como jornalista, de conhecer trabalhos que fazem a diferença nas escolas, e que impactam positivamente em crianças que estão se desenvolvendo e têm tudo para se tornarem adultos conscientes e cidadãos.

Casinhas de papelão para aguçar a imaginação



Entrevista com Alice Migliorin, idealizadora do projeto.

Alice é gaúcha, mora no Rio de Janeiro há muitos anos. É formada em Química. Há 3 anos, Alice começou a costurar vestidos para meninas e a construir casinhas a partir de caixas de sapato. Todos doados para crianças em situação de vulnerabilidade social, ligadas a alguma instituição de assistência social ou crianças em situação de acolhimento.

Como surgiu a ideia da construção das casinhas. Há quanto tempo?

O Projeto "Casinhas de papelão para aguçar a imaginação" começou com a necessidade de fazer algum trabalho manual e ocupar o tempo. Sempre gostei de "construir" casas em miniatura. Antes de começar as casinhas com caixas de sapato, construí 3 casas de bonecas em escala, que apesar de lindas, são caras e não são próprias para as crianças brincarem por serem muito frágeis.

O que seria um hobby, ganhou destinatários! Para as casinhas de caixas de sapatos, minha proposta era utilizar 100% de materiais reutilizáveis. E assim, comecei a pedir caixas de sapatos em lojas, recolher retalhos de tecidos, bijuterias sem uso com as amigas e tudo que pudesse se transformar em móveis, lustres, pias...

O Projeto espera poder, além de ampliar a produção e doação das casinhas, contribuir para a reflexão sobre a importância da imaginação na infância (e porque não durante toda a vida) por meio de atividades manuais, o que inclui a confecção de brinquedos, e do brincar livre.



Alice com uma de suas casinhas em escala

As casinhas são doadas ou há venda também?

Nenhuma casinha é vendida. São todas doadas à algumas instituições que, de alguma forma, já atendem crianças em situação de vulnerabilidade social.

Que tipo de material é usado na construção das casinhas? Como são conseguidos esses materiais?

A base são caixas de sapato de mais de um tamanho. Depois, materiais como cola branca, papel de seda (reutilizado), filtro de café usado que é transformado em piso, parede, papeis diversos como sacolas de lojas com estampa interessante ou lisas, tampinha de pasta de dente, caixas de remédio, retalhos de papel de parede. Já consegui uma doação excelente de uma loja de tapetes e papel de parede de Santo André que rendeu acabamento para muitas casinhas. Enfim, a grande brincadeira é olhar para algum objeto e imaginar um uso para as casinhas. Muitas amigas, vendo as casinhas, passam a ter também esse novo olhar para os materiais descartáveis e passam a guardar para contribuir com o Projeto.



As primeiras casinhas distribuídas e o novo modelo de 2017

Qual o maior desafio na construção das casinhas?

Um dos grandes desafios é a questão do espaço para armazenar todas as caixas e demais materiais doados e também por não ter um lugar reservado apenas para a produção das casinhas. Com isso, preciso organizar tudo para trabalhar e, quando paro, guardar tudo e recomeçar o processo no dia seguinte. Outro desafio é o transporte. Moro no Rio de Janeiro mas o destino das casinhas, por enquanto, tem sido instituições de São Paulo, onde mora

minha filha que trabalha com Educação e como já conhecia algumas dessas instituições, foram elas as escolhidas.

Exercitar o olhar infantil é também um bom desafio. Quando estou decorando as casinhas sempre penso: está muito adulto, criança gosta de cor, estampas grandes e coloridas. Tenho adotado essa fórmula (quando consigo), mesmo fugindo de uma certa escala. Acho ótimo, para mim, exercitar o olhar infantil. Ser adulto sempre, cansa!

Além disso, há desafios de arquitetura mesmo (risos), como descobrir como não empenar o piso central, pois faço casinhas com mais de um andar.

Você já teve retorno das crianças sobre as casinhas?

Já vi algumas fotos de crianças recebendo e brincando com as casinhas e também uma demanda muito importante; elas pediram banheiro (risos). As primeiras casinhas não tinham banheiro e algumas crianças, com quem minha filha tinha contato, disseram que precisava ter banheiro. Com isso, ganhei um novo desafio: construir banheiros. Em 2016, foram todas construídas com banheiro utilizando tampinhas de garrafa e retalhos de EVA.



Detalhe da parte interna de uma das casinhas

O projeto conta com outros voluntários? Há ideia de formar mais pessoas para ampliar a construção de casinhas?

Não há voluntários no projeto ainda. Há as pessoas que juntam material ou lojas que doam caixas e papel de parede. Sim, seria interessante formar mais pessoas e sempre que possível trabalhar juntas, pois muitas ideias poderão surgir na troca de um grupo trabalhando com o mesmo objetivo. Além disso, é interessante ensinar mais pessoas o básico sobre a construção de casinhas apenas para que brinquem com seus filhos, netos, sobrinhos, alunos, para que construam e se divirtam juntos.

Há ideia de expandir o projeto?

Gostaríamos, além de ampliar a produção para atender mais crianças, de desenvolver bonecos para as casinhas. Ainda não conseguimos pensar nos “moradores”. Ter famílias de pano acompanhando as casinhas seria muito bom!

Soubemos que você, além das casinhas, costura vestidos para crianças. São também doados assim como as casinhas?

Sim. Pela mesma necessidade de ocupar o tempo e as mãos e por sempre ter gostado de trabalhos manuais me ofereci para algum trabalho voluntário e fui encaminhada a um grupo de costura de uma igreja aqui do Rio, onde são confeccionados vestidos para meninas de um educandário em Itaboraí, RJ. Ano passado fizemos mais de 150 vestidos, que foram para paróquias de Campo Grande, também. Somos entre 12 a 15 pessoas.

Além dos que costuro no grupo, costuro outros em casa que são também doados para as mesmas instituições das casinhas em São Paulo. Toda criança gosta de ganhar uma roupa nova, colorida, feita com muito capricho e carinho.



Confecção de
vestidos

Do que o projeto das casinhas e vestidos precisa para continuar?

As casinhas precisam de doação de materiais, principalmente retalhos de papel de parede, caixas de sapato grandes e, se alguma companhia aérea quiser ser mais flexível para liberar mais volumes para transporte das casinhas (risos), será muito bem-vinda. Seria ótimo também ter pessoas que se disponibilizassem a aprender e passar a colaborar na produção, seja da casa em si ou dos móveis.

Para os vestidos, o maior desafio é conseguir tecido, pois são caros e apesar de cada retalho ser aproveitado, não há como fazer sem cortes maiores.

Para apoiar o projeto contribuindo com materiais e como voluntário, ou ainda para aprender a construir as casinhas e seus móveis, enviar mensagem pela nossa página do Facebook <https://www.facebook.com/casinhasevestidos/> ou enviar um e-mail para casinhasdepapelao.imaginacao@gmail.com.

Brincante abre matrículas para cursos em arte-educação, dança, música e literatura brasileiras

AUTOR (ES): **INSTITUTO BRINCANTE** 25 / JAN / 2017



A partir do dia 16 de janeiro, estarão abertas as matrículas para os cursos de 2017 do Instituto Brincante e até dia 19/01 há 50% de isenção na taxa de inscrição. Em nova sede no número 412 da mesma rua Purpurina, na Vila Madalena, o teatro-escola se prepara para comemorar 25 anos e reforça a vocação para a valorização da cultura brasileira em geral e a popular em particular.

Os cursos do Brincante (programação completa aqui) contemplam quatro campos artístico-culturais: Dança, Música, Arte-educação e Literatura brasileira (poesia popular). Para 2017, permanecem as atividades habituais da casa como Danças Populares Brasileiras, Danças Afro-brasileiras, Frevo e Capoeira, Pandeiro, Percussão Brasileira, Música Corporal, Histórias de Boca, Brincante para Educadores e Brincantinho. Há também novidades: Na Rima – Criação em poesia popular, ministrada por Antonio Nóbrega, Improvisação em Dança Brasileira, com Maria Eugenia Almeida, Tambores de Mão, com Matheus Prado, Formação de Novos Brincantes (duração de dois anos), com Antonio Meira e Matheus Prado e Estudos da Cultura e Música Tradicional da Infância, com Lucilene Silva.

Ao longo das mais de duas décadas de atuação, o Brincante tornou-se referência na formação de arte-educadores. Com tradição em cursos que têm como base a pesquisa aprofundada, o instituto tem tido um papel relevante na capacitação de profissionais que buscam assimilar novos repertórios de material simbólico – cantos, danças, brincadeiras, etc. – e processos educativos filtrados do mundo popular.

Além de atrair profissionais da educação, o espaço é dedicado a artistas e interessados em geral em conhecer e praticar as mais diversas manifestações populares brasileiras no campo da dança, da música, da literatura, entre outras. A ampliação da consciência cultural e social define a missão do Brincante e coloca os participantes frente a uma renovada de interpretação do cotidiano.

SERVIÇO:

Instituto Brincante - matrículas para cursos 2017

De 16 a 20/01/2017 a taxa de matrícula estará com 50% de desconto

Início das aulas: 01/02/2017

Instruções para matrículas online: <http://www.institutobrincante.org.br/>

Dúvidas: contato@institutobrincante.org.br ou (11) 3816-0575

Matrículas presenciais:

Rua Purpurina, 412 - Vila Madalena - São Paulo | 05435-030 - SP

Horário de Atendimento: segunda a sexta, das 9h às 13h e das 14h às 18h

Brincante abre matrículas para cursos em arte-educação, dança, música e literatura brasileiras

AUTOR (ES): **INSTITUTO BRINCANTE** 25 / JAN / 2017



A partir do dia 16 de janeiro, estarão abertas as matrículas para os cursos de 2017 do Instituto Brincante e até dia 19/01 há 50% de isenção na taxa de inscrição. Em nova sede no número 412 da mesma rua Purpurina, na Vila Madalena, o teatro-escola se prepara para comemorar 25 anos e reforça a vocação para a valorização da cultura brasileira em geral e a popular em particular.

Os cursos do Brincante (programação completa aqui) contemplam quatro campos artístico-culturais: Dança, Música, Arte-educação e Literatura brasileira (poesia popular). Para 2017, permanecem as atividades habituais da casa como Danças Populares Brasileiras, Danças Afro-brasileiras, Frevo e Capoeira, Pandeiro, Percussão Brasileira, Música Corporal, Histórias de Boca, Brincante para Educadores e Brincantinho. Há também novidades: Na Rima – Criação em poesia popular, ministrada por Antonio Nóbrega, Improvisação em Dança Brasileira, com Maria Eugenia Almeida, Tambores de Mão, com Matheus Prado, Formação de Novos Brincantes (duração de dois anos), com Antonio Meira e Matheus Prado e Estudos da Cultura e Música Tradicional da Infância, com Lucilene Silva.

Ao longo das mais de duas décadas de atuação, o Brincante tornou-se referência na formação de arte-educadores. Com tradição em cursos que têm como base a pesquisa aprofundada, o instituto tem tido um papel relevante na capacitação de profissionais que buscam assimilar novos repertórios de material simbólico – cantos, danças, brincadeiras, etc. – e processos educativos filtrados do mundo popular.

Além de atrair profissionais da educação, o espaço é dedicado a artistas e interessados em geral em conhecer e praticar as mais diversas manifestações populares brasileiras no campo da dança, da música, da literatura, entre outras. A ampliação da consciência cultural e social define a missão do Brincante e coloca os participantes frente a uma renovada de interpretação do cotidiano.

SERVIÇO:

Instituto Brincante - matrículas para cursos 2017

De 16 a 20/01/2017 a taxa de matrícula estará com 50% de desconto

Início das aulas: 01/02/2017

Instruções para matrículas online: <http://www.institutobrincante.org.br/>

Dúvidas: contato@institutobrincante.org.br ou (11) 3816-0575

Matrículas presenciais:

Rua Purpurina, 412 - Vila Madalena - São Paulo | 05435-030 - SP

Horário de Atendimento: segunda a sexta, das 9h às 13h e das 14h às 18h

Não ficção para crianças - a experiência da CBBC (Inglaterra)

AUTOR (ES): **COMKIDS** 20 / JAN / 2017



A CBBC é o canal infantil público inglês associado à rede BBC. Junto com a Cbeebies, emissora dedicada às crianças pequenas, eles compõem a programação para crianças e adolescentes.

Kez Margrie atua como produtora executiva (Commissioning editor) no canal. Ela tem expertise em produções de TV e, desde 1999, se especializou em trabalhar com conteúdos voltados para crianças e jovens em formatos de não ficção. Ela supervisiona os projetos do canal realizados com produtoras independentes. Kez também produziu a série “My Life”, que apresenta histórias reais e cotidianas de crianças extraordinárias. Esse programa recebeu prêmios Emmy e do festival Prix Jeunesse Internacional.

Kez Margrie esteve no Brasil, no âmbito da celebração do evento comKids não ficção, que aconteceu em setembro de 2016. Clicando nos vídeos abaixo, é possível assistir alguns dos depoimentos dela, que exploram temas variados como produção, diversidade e pesquisa de público.

Evento comKids não ficção

O evento comKids não ficção aconteceu no dia 23 de setembro de 2016, no Goethe-Institut São Paulo. Dentre os principais temas tratados, estiveram a diversidade de histórias e realidades infantis e o desafio de criar produções audiovisuais para crianças e jovens, os fatos da vida e do mundo, baseados nos olhares das crianças e dos adolescentes. O evento teve um dia de programação com debates, mostra e um masterclass com Kez Margrie, produtora-executiva do CBBC, (o canal infantil da rede britânica BBC) e de produções premiadas como a série “My Life”. O evento teve realização conjunta do Midiativa e do Goethe-Institut São Paulo, em parceria com a Singular Mídia & Conteúdo.

Para mais informação sobre mídia e infância, visite: www.comkids.com.br

Foto: Danila Bustamante / comKids

A importância do brincar

AUTOR (ES): **CHRISTIANE ANGELOTTI** 16 / JAN / 2017



Brincar é a principal atividade da infância e faz parte de ser criança. Quando bebê é por meio da brincadeira que se explora o mundo ao seu redor, mundo este que ele passa a reconhecer e assimilar seu funcionamento.

Brincando a criança exercita também aspectos motores e sensoriais, desenvolvendo assim coordenação, noções espaciais e sociais. Todo este processo ajuda ainda o cérebro a desenvolver várias funções como falar e andar.

Por se tratar de atividade e necessidade de grande importância para o desenvolvimento infantil, a brincadeira é considerada um direito da criança. O direito a brincar está definido no artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança, no Estatuto da Criança e do Adolescente e no Marco Legal da Primeira Infância. Toda criança deve ter tempo livre para brincar garantido pelo Estado.

Brincar para a criança é algo natural que se desenvolve conforme ela cresce. Os tipos de brincadeiras e as formas de brincar se modificam de acordo com a etapa de desenvolvimento que a criança apresenta. E para isso acontecer é necessário que ela tenha a experiência de brincar.

Para a brincadeira espontânea, aquela em que a criança explora, exercita e apreende conhecimento, mais praticada nas etapas iniciais da infância, não há necessidade de objeto-brinquedo. A criança é capaz de transformar tudo em brinquedo. O importante é que o adulto propicie tempo, espaço e objetos que não possam oferecer perigo. Além disso, ter adultos que estimulem essa brincadeira exploratória é de grande importância.

É no ato de brincar que a criança exercita e organiza o pensamento, a noção de individualidade, a linguagem, a necessidade de perseverar, desenvolve a imaginação, entre outros aprendizados. Na brincadeira, a criança exprime seus medos, desejos e experiências. De forma simbólica, o brincar torna-se um meio de expressão. Podemos dizer que todo o aprendizado da criança passa pelo ato de brincar e que a ela aprende o tempo inteiro em que interage com o ambiente.

Para o bebê, a brincadeira é uma forma de interação do adulto com ele. O bebê sozinho ainda não é capaz de simbolizar e usar a brincadeira para isso. Logo, o brincar inicial do bebê é uma experimentação do mundo, ele manuseia objetos, joga, bate, empilha, explora o mundo de forma ainda primária condizente com a sua fase, denominada pelos especialistas de fase sensório-motora (etapa inicial do desenvolvimento cognitivo corresponde a aproximadamente os dois primeiros anos de vida).

Quando a criança começa a simbolizar, fase da brincadeira simbólica, construída gradativamente, propicia que a linguagem evolua com mais rapidez. Desta forma, a linguagem influencia na evolução da brincadeira e a brincadeira auxilia na evolução da linguagem.

Por todos esses motivos, e são realmente muitos, a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento integral de todas as crianças. Por meio da brincadeira redes de neurônios se conectam aprimorando a capacidade cognitiva. Uma criança que não brinca, por causas que merecem investigação minuciosa, pode ter seu desenvolvimento comprometido.

Na dúvida de como lidar com alguma dificuldade em relação ao ato de brincar de uma criança (ou se ela não brinca), é importante que se procure um

profissional capacitado, como um psicólogo ou um pedagogo, para uma orientação específica.

Fonte: **Para Educar** <http://www.paraeducar.com.br/>

Por que para as crianças brincar é como respirar

AUTOR (ES): **CNN ESPAÑOL** 08 / NOV / 2016



A mãe começa a gritar quando sua filha tira os sapatos e entra na areia do parque. A repreende. No quer que se suje. Mais tarde, já em casa, o pai a repreende porque quer brincar com uma caixa e umas bonecas. “Não é momento para isso”, ele diz. Preferia que gastasse seu tempo em uma atividade “mais útil”.

Esta cena soa familiar?

Àqueles pais, especialistas como a brasileira Adriana Friedmann, o chileno Humberto Maturana, o espanhol Javier Abad e o belga Michel Langendonckt têm muito a dizer.

Friedmann, Maturana, Abad e Langendonckt - reputados pesquisadores e cientistas sociais – se reuniram em Bogotá (Colômbia) para participar do “VI Encuentro Internacional de Juego, Educación y Ludotecas”, entre os dias 26 e 28 de Outubro.

Eles promovem a ideia de que o brincar é fundamental no crescimento e aprendizado de crianças e são fortes defensores da ideia de que brincar não é perder tempo. Pelo contrário, brincar é uma coisa muito séria, tão importante como comer ou respirar, por exemplo.

"Crianças que brincam são mais plenas e felizes, e se tornarão adultos mais plenos e felizes também. As crianças que brincam aprendem mais e melhor, sabem viver. Muitos pais se angustiam porque seus filhos dedicam muito tempo ao ócio, mas isso é a coisa mais séria que existe ", diz Javier Abad Molina, espanhol, doutor da Universidade Complutense de Madri e especialista em arte-educação.

"Existe um pensamento científico, um racional, um matemático e um lúdico. Todos devem ser encorajados da mesma forma para desenvolver uma identidade completa. O pensamento lúdico é fundamental para entender a vida de uma maneira diferente, para que as crianças percebam que são capazes de mudar suas vidas, de transformar seu ambiente ", disse Abad a “CNN em Español”.

Mas não é para abarrotar as crianças com brinquedos, deixá-los sozinhos e pronto. Se trata, dizem os especialistas, de acompanhá-los, de tirar os sapatos e se sujar com eles.

"Quando brincam, as crianças descobrem o mundo e expressam o que vivem e o que sentem. Não há nenhuma outra atividade em que se possam expressar e se descobrir tanto", diz Adriana Friedmann, doutora em antropologia e especialista em educação.

Friedmann disse à “CNN en Español” que "o brincar é o mais importante da aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças desde o nascimento e até os 6 anos de idade."

Diferentes estudos têm demonstrado nos últimos anos que o brincar facilita a formação de vínculos, as relações com seus pares (outras crianças) e a participação social, além de que os ajuda a desenvolver habilidades para resolver conflitos que leva a uma conduta de conciliação e aumenta a convicção de agir corretamente numa situação particular. De acordo com Peter Grey, psicólogo e professor da Boston College, nos Estados Unidos, citado pelos especialistas que se reuniram em Bogotá, "o brincar é a energia instintiva mais importante com o qual a criança nasce para educar a si mesma".

"Muitas vezes nós adultos nos adiantamos e sentimos ansiedade para que nossos filhos façam coisas as quais ainda não estão prontos e que farão de maneira natural: ler, escrever, somar e subtrair. Se não respeitarmos o tempo das crianças, que quando pequenas é o tempo de viver, brincar, descobrir, ter experiências, cair e ficar sujo, elas vão pular etapas fundamentais em seu desenvolvimento psíquico e físico ", explica Friedmann.

"Hoje em dia existem tantos estímulos que muitas vezes, sem querer, nos adiantamos e forçamos as etapas. Precisamos deixar de lado o medo de que as crianças estão perdendo tempo com o ócio, nos primeiros anos de vida as crianças precisam usar seus sentidos e é indispensável o contato com a natureza ", acrescenta.

Claro, nenhum pai quer que seu filho se machuque e por isso especialistas em educação recomendam promover o brincar em ambientes seguros, mas também deixar que caiam e se levantem sozinhos, porque isso vai acontecer mais tarde na vida.

E que papel desempenham os dispositivos eletrônicos, que hoje muitos pais dão aos filhos, mesmo quando não aprenderam a falar ou a andar, a fim de entretê-los?

"Nos preocupa que haja bebês ou crianças muito pequenas hipnotizados por tablets ou telefones celulares. O problema é que os bebês precisam usar

todos os seus sentidos para descobrir o mundo, colocar as coisas em sua boca, sentir, cheirar, tocar, ouvir... Se dermos somente dispositivos eletrônicos, o seu cérebro vai se colocar em movimento, e o resto do corpo e os sentidos ficarão congelados ", diz Friedmann.

Para ela, quando um pai ou uma mãe dá um telefone celular para seu filho "para ele ficar parado", eles estão aproveitando a oportunidade de interagir com outras crianças, de se relacionar com o espaço e com a terra, com os objetos que o rodeiam. "Isso deve ser feito mais adiante e de forma equilibrada com a arte, a música, o movimento".

Nos últimos 50 anos, se reduziram as oportunidades e os espaços para as crianças brincarem e que coincide, de acordo com a discussão no "VI Encuentro Internacional de Juego, Educación y Ludotecas", com o aumento dos transtornos mentais na infância e com um aumento de quatro vezes na taxa de suicídio em crianças menores de 15 anos.

Pensando nisso, os peritos da Universidade Nacional da Colômbia realizaram uma pesquisa com 540 crianças de várias regiões do país, tanto de zonas rurais como urbanas. Os resultados, apresentados no Encontro, foram contundentes. As crianças que mais brincaram, "em situações de brincar livre e dirigido", apresentam as maiores competências emocionais, cidadãs e de criatividade que os que não tiveram essas oportunidades.

"O que as crianças aprendem brincando não esquecem nunca. Desde que nascemos, nós seres humanos brincamos com percepções, cores, texturas, sons, carícias, porque o mundo não é só pensamento racional cognitivo ", assegura Javier Abad.

"O pensamento lúdico é profundo por que fica registrado na memória corporal das crianças, de tal forma que quando adultos tratamos de manter o equilíbrio, por exemplo, sentimos prazer porque isso está na nossa memória lúdica, porque brincamos de nos balançar quando éramos crianças".

Aqueles que quando crianças não brincaram o suficiente, quase sempre têm problemas comportamentais e de aprendizagem e, em algum momento – pré adolescência, adolescência ou na idade adulta - terão de viver essas etapas,

porque "ficam reprimidas as energias e o que não foi vivido no momento certo, os seres humanos sempre buscarão maneiras de viver".

É que, de acordo com Abad, brincar é como respirar. "E brincar porque é o melhor jogo. Brincar sem pensar sobre a produtividade, brincar sem um motivo específico. O brincar deve fazer sentido, e não ser uma meta."

Versão traduzida.

Para ler a versão original, acesse: [CNN Español](#)

Intervenção urbana faz Florianópolis balançar

AUTOR (ES): [BLOG DA LETRINHAS](#) 04 / NOV / 2016



Um movimento, uma brincadeira ou uma intervenção urbana? É um pouco disso tudo o resultado de uma iniciativa recentemente empreendida por um coletivo de Florianópolis (SC), que tem se reunido na cidade com um objetivo comum: mapear árvores, instalar balanços e... balançar.

Criado em 2016, o #aquitembalanço valoriza a ocupação dos espaços públicos urbanos, a importância da interação com a natureza, o brincar simples e genuíno e o convívio entre pessoas. “É uma atitude revolucionária perceber em atos tão simples possibilidades imensas de transformações”, diz a educadora Lia Mattos, uma das idealizadoras da ação, além de empreendedora de diversos projetos voltados à infância.

Promovida pelo coletivo Escola Aberta Navegar, que reúne educadores e artistas de todas as idades, incluindo crianças e jovens, a iniciativa já conta com parcerias com escolas particulares e municipais, universidades e ONGs. “Onde há um balanço provavelmente existe uma árvore, uma criança, alguém brincando. Existe o outro, existe o convívio, existe o ventinho no rosto e o friozinho na barriga, sensações fundamentais para alimentar a nossa alma, o nosso coração”, afirma.



Fazendo o balanço

A ideia de espalhar balanços pelas cidades do Brasil nasceu em 2012, quando Lia morava em Campo Grande (MS) e coordenava o Espaço Imaginário. Lá surgiu o plano de espalhar balanços por uma avenida movimentada, cheia de árvores imensas, pouco observadas pelos moradores

no apressado dia a dia. Mas o plano não foi adiante, pois as autoridades locais proibiram a ação. O sonho ficou guardado no bolso.

Em 2014, quando se mudou com a família para Florianópolis, logo se reuniu com um grupo de pessoas com o forte desejo de trocar e aprender juntos. Nascia então a Escola Aberta Navegar. Era hora de tirar aquele antigo sonho do bolso.

Foram as crianças da Escola Aberta Navegar que construíram os primeiros balanços da intervenção urbana. Juntas, pensaram as formas dos balanços, escolheram e lixaram as madeiras, mapearam pela cidade as árvores, que, uma vez identificadas, eram batizadas em sua proximidade (num poste, por exemplo) com a marca da ação (#aquitembalanço). O passo seguinte era instalar os balanços – e, claro, brincar.



Pintando o balanço

“O balanço é um acalanto da alma... É meu brinquedo favorito. Qual a criança que não gosta de balançar, de sentir os pés quase pisando no céu, a possibilidade de voar?”, questiona a idealizadora. Lia conta que, segundo

Lydia Hortélio, mestra baiana dos brinquedos e das brincadeiras, importante referência na cultura da infância, “o balanço traz o ritmo, o inspirar e o expirar”.

Essa mania de balançar já tem provocado muitas reações nas pessoas – tanto adultos como crianças. “Há histórias de meninos que nunca haviam brincado antes em um balanço na árvore, histórias de avós emocionados ao se balançarem novamente, histórias de crianças que dizem que balançar alto 'é melhor que montanha-russa!’”, conta Lia, que deixa o convite para que todos espalhem essa ideia por outros cantos, compartilhando as fotos das ações nas redes sociais com a hashtag *aquitembalanço*. “Este é um movimento que pretende se alastrar pelo país e (por que não?) pelo mundo!”



Instalando o balanço

Fonte: Blog da Letrinhas

Literatura infantil para além do livro

AUTOR (ES): **DIVULGAÇÃO** 20 / OUT / 2016



O escritor e ilustrador de livros infantis André Neves, de Pernambuco, fará pela primeira vez uma exposição de seu trabalho em São Paulo. O autor tem livros traduzidos para mais de 10 países, entre França, Turquia, Eslovênia, Espanha, Japão e México. Intimista, a mostra reúne imagens, objetos interativos e cenários de seu próximo livro, **“NUNO e as coisas incríveis”**, lançado pela editora Jujuba. A exposição e o lançamento acontecem no dia 22 de outubro (sábado), a partir das 10h, na livraria NoveSete. O evento contará com a presença do autor e bate-papo, e tem entrada gratuita.

Muito além do livro – A exposição, inédita e a primeira do autor em São Paulo, ficará em cartaz na NoveSete até o dia 30 de janeiro, e depois segue para escolas públicas e privadas de São Paulo.

A mostra convida crianças e adultos para um mergulho sensorial na obra. Como um desdobramento do livro, a exposição traz um recorte do trabalho do autor, e exhibe as ilustrações originais, os processos de estudos de cores e personagens, além de painéis interativos onde os visitantes poderão desenhar as suas próprias “coisas incríveis”. Para as crianças, a proposta é materializar os cenários do livro em objetos que dão vida à história do menino Nuno e sua capacidade de dar novo significado às coisas.

E, para os adultos, a proposta é estimular uma reflexão sobre as possibilidades da literatura feita para as crianças: afinal, livros infantis são só para elas? Ao propor uma imersão que ultrapassa os limites físicos do objeto

livro, a mostra alcança a materialidade que a ficção é capaz de criar. “Mostrar ao leitor as possibilidades de construção de um livro é fazer com que ele tenha mais consciência sobre o valor do objeto e do fazer artístico. A ideia é mostrar tudo aquilo que está fora do livro, aquilo que as pessoas não veem”, explica André.

Bate-papo – No mesmo dia, às 10h, acontecerá a mesa **“A construção do livro para a infância, pelos olhares do autor, do ilustrador e do editor”**, com André Neves, o ilustrador mineiro Leo Cunha, a Publisher Daniela Padilha, da editora Jujuba, e Marcia Leite, da Pulo do Gato. O debate vai girar em torno dos dois livros que André traz a público nesta data, “O rio” e “NUNO”. Lançado pela Pulo do Gato, “Um dia, um rio” conta a catástrofe de Mariana para o público infantil por meio de uma narrativa poética e simbólica.

Sobre “NUNO e as coisas incríveis”- Mais do que um livro infantil, um livro para as infâncias de cada um

No livro “NUNO e as coisas incríveis”, André Neves joga com o potencial de desdobramento dos significados, tanto no texto quanto na imagem. A partir da história do personagem Nuno e sua habilidade de reparar nas coisas para transformá-las em arte, o leitor vai entrando em um cenário de lirismo e contemplação, como no trecho “Adormecer no futuro é sonhar em reticências”.

O livro propõe um ritmo de leitura ditado pela profundidade do que está colocado no papel, e coloca o prazer pela leitura da imagem e do texto no mesmo grau de importância, estimulando uma consciência maior em relação à leitura visual.

A exposição, nessa mesma linha de pensamento, propõe uma troca de estímulos entre os processos de criação do livro e o espectador, criando um ambiente sensorial e, principalmente, de ampliação do conceito do que chamamos de “livro para a infância”. Mais do que livros infantis, os livros para a infância são aqueles que alcançam o que há de criança em todos os leitores, independentemente da idade.



Sobre o autor

Um dos principais nomes da literatura infantil do Brasil, André Neves nasceu em Recife (PE) e vive hoje em Porto Alegre. Autor de obras premiadas como “Tom” (Prêmio Jabuti de 2013) e “Entre nuvens” (Altamente Recomendável pela FNLJ), André tem livros editados em diversos países da Europa e América, como Suécia, Eslovênia e Portugal e México. O autor dá sentido mais amplo à própria palavra autor: media leitura em escolas, universidades, cursos e festivais literários no Brasil e no exterior.

SERVIÇO

Lançamento “Nuno e as coisas incríveis” + Exposição

Local: Livraria NoveSete – Rua França Pinto, 97, Vila Mariana, São Paulo-SP

Data: 22 de outubro

Horário: das 10h às 12h - autógrafos: das 12h às 14h

“Nuno e as coisas incríveis”

Editora Jujuba, 2016

Formato: 23 x 30

Páginas: 32 páginas

Preço de capa: R\$ 42,00

A arte contemporânea como uma possibilidade de escuta das expressões das crianças

AUTOR (ES): **DENISE NALINI** 08 / SET / 2016



As crianças de 0 a 03 anos em suas aprendizagens são movidas pela percepção sensorial, pelo movimento e por uma necessidade de participação, elas estão centradas em seu processo de produção e criação de brincadeiras. Esse é o mesmo movimento que muitos artistas contemporâneos têm buscado em seus modos de fazer. Podemos, dizer que existe, entre a poética da criança pequena e os modos de fazer da Arte Contemporânea uma similaridade de temáticas e de procedimentos que permitem uma conexão entre as experiências das crianças e os assuntos, temas, processos, produtos, performances e intervenções entre outros modos de fazer arte, que muitos artistas contemporâneos trazem em seus trabalhos. A possibilidade dos professores conhecerem a Arte produzida hoje é uma possibilidade significativa de ampliação dos campos de experimentação e sentidos das crianças. É nesse sentido, que podemos dizer da existência de um diálogo entre a produção realizada no agora e os saberes e fazeres das crianças.



saberes e fazeres
das crianças

É nesse sentido que o contato dos professores com a Arte Contemporânea, num contexto formativo dá visibilidade às construções das crianças. Podemos citar, por exemplo, a ênfase dada ao corpo como suporte e meio na arte atual e a necessidade da gestualidade, movimento e ação no contexto da aprendizagem infantil. Provocar diálogos entre as crianças e artistas como Hélio Oiticica, Ligia Clark, Olafur Eliasson, Antony Gormley e Amélia de Toledo entre outros, poderia vir a ser uma criação de espaços-tempos para instigar e inspirar as professoras para pensar sobre seu ambiente, as relações, o cuidado e, sobretudo, a autonomia a ser construída com as crianças.

Essa interface entre Arte Contemporânea e as crianças pequenas foi o que originou o Projeto Conexões [1] que criou um contexto interessante para a formação dos professores; partindo de um olhar para os saberes das crianças para buscar compreender como esses artistas poderiam ampliar os campos de experiências em que as crianças estavam agindo.



vivência com arte

Um aspecto importante é que nesse cenário, o professor se torna um pesquisador, que vivência uma pesquisa e intervenção pautada num olhar sobre a criança. Tanto ele, quanto a criança estão envolvidos numa busca de sentidos. Para apoiar o professor na investigação de sua prática, partimos da elaboração de sequências didáticas (uma série de atividades que são construídas partindo das hipóteses iniciais do professor a respeito de como essas ações podem criar campos de experiência ampliados com as crianças. Na construção desse processo o professor, assume o lugar de quem reflete antes da ação, durante a realização das sequências e após a realização deste trabalho, construindo uma sistemática de observação e acompanhamento, documentada e constantemente retomada.

A inserção artística dos professores, as visitas aos Museus e a ênfase em experiências estéticas vividas alargou as percepções e ampliou culturalmente as atividades criando diálogos com as crianças. Essa é uma forma de construir conhecimentos e de aprender a tomar decisões, questão central na prática educativa. Dessa maneira as situações formativas propiciaram que o

conhecimento criasse sentido para os professores e para as crianças, pois está inserido na dimensão das percepções, sentimentos e sentidos em contextos históricos – sociais nos quais educação, cultura e sociedade interagem criando novas relações e saberes.

[1] Projeto de Formação de Professores realizado em 14 creches da Região Sul da Cidade de São Paulo. Realizado pelo Instituto Avisa lá, CENPEC, IMPAES de 2013 a 2016, com a participação das formadoras : Cinthia Manzano e Mariana Americano

Denise Nalini é Consultora em Arte, Educação Infantil e Cultura.

Novo livro de Odilon Moraes desconstrói estereótipos infantis ao falar sobre melancolia

AUTOR (ES): **MIB** 15 / SET / 2016



“Olavo era um menino triste”. Esta é a primeira frase do novo livro do escritor e ilustrador Odilon Moraes, que acaba de migrar toda a sua obra autoral publicada pela Cosac Naify para a editora Jujuba.

O autor adianta que o livro trabalha com a questão da melancolia associada ao universo infantil, desconstruindo o ideal social do que é ser criança. Odilon, cuja obra tem como forte característica o trato delicado a assuntos considerados difíceis, como morte, separação e violência, questiona no novo livro o próprio papel da literatura como ferramenta de aproximação com a realidade e desenvolvimento de empatia. “A arte inventa uma vida para que a gente se veja nela. A literatura é uma entrega à alteridade, é o que nos permite ser outros. Por isso, propicia uma oportunidade maior de empatia do que a própria vida. É só pensar em quantas vezes, na vida, olhamos para alguém em situação ruim e pensamos ‘ainda bem que é ele e não eu’. Na literatura, se pensarmos isso, não estamos sendo leitores de verdade; quando lemos, o personagem somos nós”, explica o autor.

‘Pedro e Lua’ e ‘Olavo’ têm uma melancolia parecida”, compara Odilon, relacionando o inédito com um de seus livros mais aclamados, “Pedro e Lua”, de 2004. “É um livro menos infantil, e mais para a infância”, ressalta Daniela Padilha, publisher da editora, destacando o caráter universal dos livros de Odilon, que atrai tanto crianças quanto adultos.

Daqui pra frente, a Jujuba vai lançar os livros de Odilon sempre de par em par: um inédito e uma reedição. Por isso, “Olavo” será publicado juntamente com o premiado “Pedro e Lua”, que recebeu o título de Melhor Livro Infantil do Ano da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLJ). A previsão de lançamento é março de 2017. “O tempo de cada livro é nossa maior importância. Trabalha com o tempo que o projeto precisa, e não que o mercado quer”, ressalta Daniela.



Odilon Moraes

BIOGRAFIA

Graduado em arquitetura pela USP, iniciou na literatura em 1990, como ilustrador e hoje é autor de mais de 40 livros no Brasil e no exterior. Recebeu dois prêmios Jabuti pelas imagens de A Saga de Sigfried, em 1994, e O Matador, em 2009. Em 2002, escreveu seu primeiro livro ilustrado, A Princesinha Medrosa, que recebeu o prêmio de Melhor Livro do Ano para Crianças, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2004, recebeu novamente o prêmio Melhor Livro do Ano para Crianças pela FNLIJ, com o livro Pedro e Lua. Em 2012, seu livro Traço e Prosa recebeu o prêmio Melhor Livro Teórico do Ano, também pela FNLIJ. Possui vários livros agraciados com o selo White Raven da Biblioteca Internacional do Livro para Crianças de Munique. Em 2014, entrou para a lista de honra do International Book Board for Youth (IBBY). Desde 2005, ministra palestras, oficinas e escreve artigos sobre a história e o conceito do livro ilustrado em instituições como o Instituto Tomie Ohtake, Fundação Lasar Segall, Instituto Europeu de Design, SESC e, mais recentemente, o Instituto Vera Cruz e a UNICAMP. É também professor do curso de pós-graduação O livro para infância: textos, imagens e materialidades, do centro de arte, cultura e educação A Casa Tombada.

De que forma o uso de tecnologia pode afetar as crianças?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 04 / AGO / 2016



O uso de tecnologia por parte das crianças é um tema que traz várias opiniões. Muitos são os questionamentos levantados sobre os efeitos da utilização de tablets, smartphones, jogos eletrônicos e computadores. Algo essencial a ser considerado nessa reflexão é o papel que os adultos exercem como modelos do ponto de vista do uso que fazem da tecnologia em seu dia a dia. Além disso, também são eles os mediadores do contato das crianças com os conteúdos a serem acessados e do tempo a ser gasto pelos pequenos nessas atividades.

Além dos aspectos relacionados ao cuidado no contato com a tecnologia por parte das crianças, há também questões neurológicas a serem consideradas. O jornal Nexo publicou uma notícia que aponta as recentes pesquisas que vem sendo realizadas com jovens nos EUA, Inglaterra e China acerca de como o uso exagerado de smartphones pode produzir sintomas semelhantes aos de hiperatividade e déficit de atenção. Embora ainda não exista qualquer evidência de que essa situação altere estruturalmente o funcionamento do

sistema nervoso, o constante isolamento e estimulação provocados pelas notificações, imagens, sons e comunicações virtuais favorece uma atenção flutuante, sempre pronta a mudar de foco.

É importante ressaltar que nenhuma das pesquisas chegou a qualquer afirmação conclusiva e que não existe nenhuma prova de que o uso de tecnologia possa gerar distúrbios. O que ocorre é que as formas de interação com o mundo sofrem influência constante da relação com a tecnologia, levando a certos comportamentos semelhantes aos observados em situações como déficit de atenção ou hiperatividade. Outro aspecto levantado pelas pesquisas é o preenchimento tecnológico dos momentos que antes seriam vivências de tédio. Esses são fundamentais para o relaxamento e também para o desenvolvimento da criatividade.

Os estudos foram realizados com jovens, cujo sistema nervoso ainda está em formação, mas com muito menos plasticidade do que nas crianças pequenas. Portanto, vale refletir sobre os possíveis efeitos neurológicos que o uso excessivo de tecnologia pode gerar quando ocorre na infância. O que você pensa sobre isso? Percebe efeitos do uso de smartphones, tablets e jogos eletrônicos nas crianças que você conhece? Conte para nós nos comentários!

Banho dos bebês na cachoeirinha de Pitangui (RN)

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 21 / JUL / 2016



Pais, mães, professores e bebês dos Berçários I e II do CMEI Padre Sabino Gentile, da Rede Municipal de Educação de Natal (RN) - parceria do Paralapraca no ciclo II -, tiveram uma experiência inusitada e repleta de estímulos, em contato direto com a natureza. A coordenadora pedagógica da instituição, Rita Bezerra, registrou a experiência em vídeo. Ela conta que, levados pelo clima quente da "Cidade do Sol", como é conhecida Natal, resolveram fazer um banho ao ar livre com músicas e batucadas. "Assim, a cantarola aconteceu debaixo d'água, onde cantamos juntos e fizemos o "Cirandá Cirandê" do CMEI. Sabem onde? Na Cachoeirinha de Pitanguí". "A linguagem musical se constitui de diversas formas sonoras que utilizamos para expressar e compartilhar sentimentos, sensações e pensamentos". (Caderno de Orientações Assim se faz Música, do projeto Paralapraca)

De iniciativa do Programa Educação Infantil do Instituto C&A, tendo a Avante - Educação e Mobilização Social como instituição executora, o Paralapraca tem como principal objetivo contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento às crianças na educação infantil, com vistas ao seu desenvolvimento integral, incidindo nas política de Educação Infantil das redes municipais onde estabelece parceria.

Criança e arte: por que promover interações entre as crianças, obras e exposições?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 20 / JUL / 2016



A interação das crianças com o universo da arte é algo valorizamos muito. Seja com a literatura, seja com a música, seja com as artes visuais: as crianças podem se encantar, se divertir, explorar a criatividade e a imaginação e aprender muito sobre distintas épocas e culturas, sobre os artistas e as distintas formas de linguagem que utilizam.

Já foram apresentadas algumas das razões que justificam a ida de crianças pequenas aos museus, como aqui e aqui. E para reiterar esse tema, nada melhor do que conhecer as ideias de uma especialista.

Foi por essa razão que convidamos Karen Greif Amar, especialista, professora e formadora na área de artes visuais, para falar sobre a importância da relação das crianças com obras de arte, exposições e museus. Karen respondeu algumas perguntas feitas pelo Toda Criança Pode Aprender. Vamos conhecer algumas de suas colocações?

TCPA: Por que você acredita ser importante que, de fato, as crianças interajam com obras e exposições em museus?

Karen: A criança aprende sobre arte fazendo contato com obras e conversando sobre arte. Isso permite inúmeras situações favoráveis para uma aprendizagem significativa, onde o saber está em constante transformação, pois cria condições para que, ao conhecer, a criança que conhece as possibilidades da arte através da observação e experimenta esse repertório em sua própria prática artística em casa. Assim, desde pequenas visitando exposições e conversando sobre arte, desenvolvendo um bom repertório visual, alimentado por uma produção artística de qualidade, torna-se interessante que os pais possam fazer antes, com as crianças, para o que verão?

Os pais podem contar sobre o que irão encontrar na exposição: são pinturas, instalações ou vídeos, por exemplo. Isso pode despertar na criança ideias e a curiosidade que encontrará a partir do que já conhece sobre arte. É importante apresentar algumas imagens sobre o artista antes de ir à exposição, imagens na internet, livros ou mesmo reportagens em revistas.

Além disso, ao ver as imagens podem perguntar e refletir sobre elas para depois, na exposição, retomar e ouvir as novas impressões in loco. Comparar as imagens no computador com a obra ao vivo, o tamanho real, o trabalho causou na criança sempre rendem muitas aprendizagens!

Pergunta e Resposta

TCPA: O que é interessante que os pais possam fazer as crianças para o que verão?

Os pais podem contar sobre o que irão encontrar em pinturas, instalações ou vídeos, por exemplo. Cada um pode despertar na criança ideias e a curiosidade sobre partir do que já conhece sobre o assunto. Pode mostrar imagens sobre o artista através de sites ou imagens e mesmo reportagens em jornais ou revistas.

Além disso, ao ver as imagens podem perguntar e pensar sobre elas para depois, na exposição, retomar as novas impressões in loco. Comparar as cores no computador com a obra ao vivo, o tamanho real, o trabalho causou na criança sempre rendem aprendizagens!

Pergunta e Resposta

2

TCPA: - O que podem aprender nestas situações, seja seja com a família?

Karen: Os espaços expositivos que oferecem o contato com obras, sejam eles museus, galerias ou centros culturais, oferecem saberes sobre o que é e o que pode a arte. A frequência propicia familiaridade com os locais, ajudando a criar condições favoráveis de estar nesses ambientes, compreendendo o espaço público, aberto a todos que queiram visitar mas com regras específicas que devem ser respeitadas por todos.

Paralelamente, amplia as possibilidades de contato com a arte em que a criança, aos poucos, conhece a diversidade de artistas e seu irrestrito poder de relação com o público. O contato com obras favorece a aproximação com a produção artística produzida em diferentes âmbitos – regional, nacional

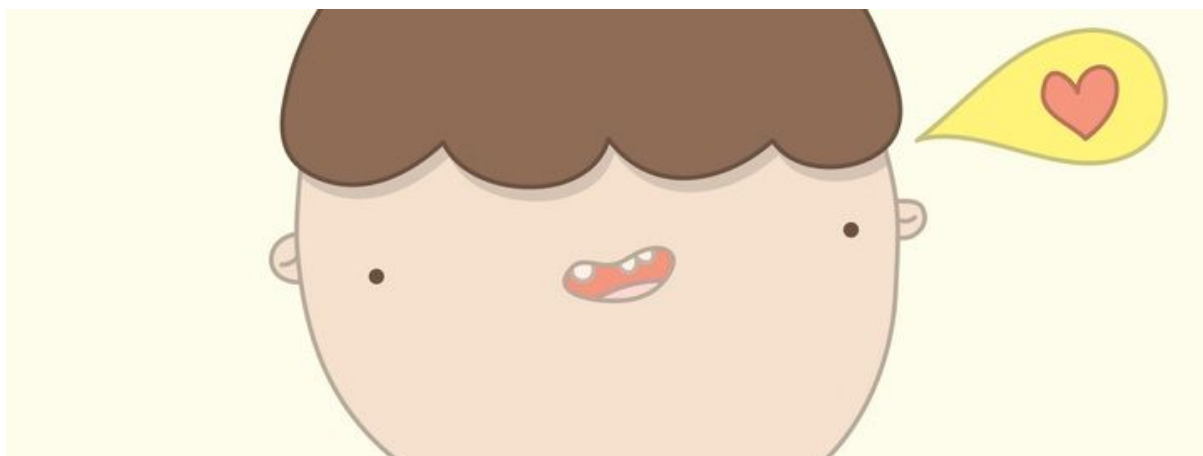
Pergunta e Resposta

3

Então, que tal aproveitar esse período de férias escolares e levar às crianças em museus de sua cidade? Certamente será uma experiência divertida e enriquecedora para todos, crianças e adultos!

O papel da escola no aprendizado das crianças sobre suas próprias emoções

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 27 / JUN / 2016



O papel da escola vai muito além do ensino de conteúdos de diversas áreas de conhecimento. Uma reportagem do jornal O Estado de S.Paulo apresenta o trabalho desenvolvido por escolas estaduais e particulares da cidade de São Paulo, visando o ensino de habilidades socioemocionais.

São diversas as estratégias planejadas e adotadas pelas instituições que investem na capacitação de seus professores – já que não se trata de uma intervenção meramente intuitiva – para realizar um trabalho sistemático no cotidiano da sala de aula, impactando na formação das crianças.

E não se trata de criar uma nova disciplina ou delegar uma aula específica para esse trabalho. Ao contrário, é mesmo nas aulas rotineiras que as crianças seguem realizando essas aprendizagens. Os professores vêm propondo com maior frequência trabalhos em grupos, nos quais as crianças precisam arcar com tomadas de decisões, consensos e divisão de tarefas. Elas são convidadas a comentar suas impressões e sentimentos em relação às disciplinas e aos temas que estudam. Em rodas, explicitam o que sentem frente a determinadas situações que vivenciam, sejam na escola, sejam do cotidiano familiar ou mesmo envolvendo fatos ocorridos na cidade e no mundo. Discutem, por meio de histórias as emoções que experimentam, por exemplo, em situações de preconceitos.

De acordo com os educadores, quanto mais as crianças compreendem o que sentem, mais se conhecem e se tornam mais tolerantes e respeitosas com o outro também. Aprendem que sentir raiva, se entristecer, se sentir solitário é algo que faz parte da natureza humana: todos podem sentir essas diversas emoções. É, porém, fundamental que aprendam igualmente a conviver com essa multiplicidade de sentimentos e a superá-los em alguns momentos.

Aprender a lidar com as próprias emoções é essencial à formação e ao desenvolvimento infantil e permite que as crianças ampliem suas possibilidades de cooperar, de sentir empatia, de respeitar, de enfrentar desafios e conflitos, ter senso crítico e serem curiosas frente ao mundo também. E à escola, como vimos aqui, pode ter um papel primordial nessas aprendizagens.

Brincar e Ler para viver

AUTOR (ES): **ADRIANA KLISYS E EDI FONSECA** 15 / JUN / 2016



O livro Brincar e Ler é o coroamento de quatro intensos e produtivos anos do Programa Brincar e Ler para Viver (2004-2007), formou 20 Brinquedotecas e Bibliotecas em organizações sociais de base comunitária da cidade de São Paulo, dando ênfase à constituição de um projeto educativo e cultural que privilegia a ludicidade, por meio das Brincadeiras e Leitura.

O Programa Brincar e Ler para viver nasce do desejo do Instituto Hedging-Griffo de investir no incentivo à leitura e na cultura lúdica como

fatores fundamentais para uma educação de qualidade. Ganha brilho e existência graças a parceria com a Ação Comunitária, que abriu as organizações e criou condições para esse programa se desenvolver. E, também à Caleidoscópio que agregou forma e conteúdo ao programa, no que diz respeito à concepção e formação de educadores.

Esse livro traz aos leitores os aspectos metodológicos utilizados no Programa Brincar e Ler para Viver para a montagem de brinquedotecas e bibliotecas ligadas ao processo formativo dos educadores e a apropriação destes ambientes como ferramenta de trabalho e transformação cultural.

Proposta de Arte para crianças:

Ione Saldanha

AUTOR (ES): **MARIA EDUARDA RANGEL VIEIRA DA CUNHA** 10 / JUN / 2016 - 10 / JUN / 2016

Azul Anil Espaço de Arte é um espaço múltiplo de arte, construído por uma equipe de artistas e educadores que buscam criar um ambiente único e inovador, onde o compartilhamento do saber, o desenvolvimento da autonomia e a ação criativa são prioridades, desde os bebês até os adultos.

O diálogo, as trocas e os desafios são constantes em nossas atividades - que passam pelas Artes Visuais, o Circo, a Dança, o Teatro e a Música - e instigam uma leitura crítica do mundo através da ampliação do repertório cultural.

A seguir, um relato de uma proposta desenvolvida com crianças:



crianas _Azul _Anil.



Crianas _Azul _Anil
3.



crianas _Azul _Anil
2.

Sobre o desenho infantil na escola

AUTOR (ES): **SUSANA RANGEL VIEIRA DA CUNHA** 08 / JUN / 2016 - 08 / JUN / 2016



Entendo o desenho, como a modalidade expressiva “mais popular” no contexto educacional, tendo em vista que os registros feitos em qualquer suporte (muro, garrafa pet, pedra, guardanapo, caixa de sapato, etc) com qualquer material (caco de tijolo, carvão, caneta esferográfica, giz, unha, palito, etc), são considerados como desenho.

Entretanto, apesar da facilidade de acesso e das possibilidades expressivas dessa linguagem, em sala de aula, ainda persistem práticas ultrapassadas, como dar desenhos prontos para as crianças colorirem ou simplesmente fornecer alguns materiais para que as crianças realizem desenhos. Tais procedimentos, entre outras práticas educativas, não levam os estudantes a terem prazer em descobrir a singularidade do desenho.

Em consequência de práticas equivocadas em sua escolarização, crianças, jovens e adultos dizem insistentemente: “não sei desenhar”. E o que fazer para que o ato de desenhar seja ressignificado na Escola? Em primeiro lugar,

o desenho, como qualquer linguagem requer conhecimentos, aprendizagens, experimentações e isso depende, em grande parte, de como a professora elabora e desenvolve suas propostas, pois ninguém aprende, tem domínio sobre algo do nada.

A experimentação lúdica dos materiais e suportes, os “veículos” expressivos, talvez seja o primeiro passo para fazer com que os estudantes se aproximem do desenho. As experiências exploratórias com os materiais, instigadas pela professora, levam tanto a “ver” as possibilidades da linguagem do desenho, quanto conhecer o “comportamento” dos materiais.

A professora, ao introduzir materiais e suportes, deverá lançar questionamentos: que tipos de linhas, texturas e tonalidades o carvão (que pode ser de churrasco) oferece em diferentes suportes? Como são esses registros? Há semelhanças, diferenças na marca que ele deixa no papel da caixa de sapato e na folha de ofício? E a caneta esferográfica sobre guardanapo de festa de aniversário? Além da exploração, a professora deverá ampliar os repertórios dos estudantes sobre o desenho, buscando na cultura visual – da arte ao mundo virtual - exemplos que façam sentido a eles. Explorar materiais e conhecer as materialidades de diferentes produções gráficas poderá ser uma das vias para instaurar o prazer de desenhar na Escola.

Fonte: Boletim Arte na Escola

Propostas em Arte para crianças: Beatles e Cirque de Soleil

AUTOR (ES): **MARIA EDUARDA RANGEL VIEIRA DA CUNHA** 09 / JUN / 2016 - 09 / JUN / 2016



Sobre o Azul Anil Espaço de Arte

Somos um espaço múltiplo de arte, construído por uma equipe de artistas e educadores que buscam criar um ambiente único e inovador, onde o compartilhamento do saber, o desenvolvimento da autonomia e a ação criativa são prioridades, desde os bebês até os adultos. O diálogo, as trocas e os desafios são constantes em nossas atividades - que passam pelas Artes Visuais, o Circo, a Dança, o Teatro e a Música - e instigam uma leitura crítica do mundo através da ampliação do repertório cultural. Além dos cursos regulares ocorrem workshops, oficinas-aniversário, cursos de formação, Projeto Lúdico de Férias e eventos culturais. Realizamos também atividades e cursos em outras instituições de ensino.

As aulas do ateliê infantil Azul Anil são guiadas por propostas multidisciplinares (ver <http://www.azulanil.org/#!asaulasnoazulanil/c181a>) que podem ter como ponto de partida referências que não necessariamente pertencem ao universo das artes visuais, como um filme, um livro, uma música... A partir daí são abordadas questões presentes na arte contemporânea, obras, artistas e seus modos de expressão.

Combinando uma parte expositiva e outra parte prática, as propostas e projetos consideram o cotidiano e os conhecimentos prévios das crianças relacionando-os com os conteúdos abordados para assim ampliar os repertórios já existentes.

Aqui o relato de uma de nossas propostas, desenvolvida por Maria Eduarda Rangel Vieira da Cunha e Alice Seibel:



logo_azul.

Como vai a arte na Educação Infantil?

AUTOR (ES): **SUSANA RANGEL VIEIRA DA CUNHA** 06 / JUN / 2007 - 08 / JUN / 2016

Este artigo resume algumas práticas pedagógicas desenvolvidas em artes visuais no contexto das instituições de Educação Infantil. As reflexões e análises são decorrentes da minha docência como professora de arte e supervisora de estágio no Curso de Pedagogia, habilitação Educação Infantil e de pesquisas realizadas em escolas com professoras e crianças em Escolas Municipais Infantis de Porto Alegre. Para além de traçar um breve panorama das pedagogias em arte no contexto da educação infantil, procuro entender e problematizar as concepções que norteiam tais práticas pedagógicas nas instituições que educam crianças pequenas.

Como a musicalidade pode ajudar na alfabetização?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 06 / JUN / 2016



No Toda Criança Pode Aprender há constante atenção às situações cotidianas que, embora muitas vezes passem despercebidas pelos adultos, são de extrema importância para a aprendizagem das crianças. Embora alguns conteúdos e processos de conhecimento específico sejam trabalhados de forma mais sistemática a partir do ingresso na escola, as crianças não aprendem apenas nos contextos da sala de aula. Quaisquer aprendizagens, realizadas na escola ou fora dela, dependem de experiências, vivências, informações e conhecimentos construídos previamente e que são base para que novos sejam adquiridos.

Ler, escrever, ouvir e falar... Todas essas práticas sociais estão vinculadas. Há aspectos particulares que devem ser trabalhados para que se adquira desenvoltura suficiente para usar essas práticas com competência em situações cotidianas. Porém, há também uma série de interações e aprendizagens que podem ajudar indiretamente na relação com a linguagem.

Em entrevista ao Laboratório de Educação, a pedagoga e psicomotricista Carolina Elisabeth Oliveira indica que ter desenvoltura com questões rítmicas é um elemento importante para potencializar a fala, a leitura e a escrita.

A partir da vivência corporal de experiências como ouvir música, dançar, cantar, batucar ou realizar brincadeiras que envolvem uma marcação dos sons e movimentos no tempo, a criança vai desenvolvendo uma noção interna de ritmo. Essa ideia de uma melodia interna também é explorada pela pesquisadora Michèle Petit, conforme destacado aqui. Esse elemento será fundamental para entender e reproduzir entonações, algo essencial à compreensão e bom aproveitamento da linguagem, seja ela em forma de fala ou texto.

Recomendamos conferir a entrevista completa com Carolina Elisabeth para compreender mais aspectos do desenvolvimento intelectual que estão relacionados às vivências corporais. Quanto mais pudermos saber sobre as diferentes formas como as crianças aprendem, mais oportunidades poderemos dar para que elas se tornem cada vez mais apaixonadas por conhecer!

Nossas "melecas": As experiências sensoriais no Berçário

AUTOR (ES): **RECREIO BERÇÁRIO E EDUCAÇÃO INFANTIL** 01 / JUN / 2016



A exploração sensorial é um dos pilares do trabalho com bebês que desenvolvemos aqui no Recreio, Berçário e Educação Infantil. É fonte de experiências muito ricas para os pequenos, que descobrem e experimentam o mundo através de seus sentidos aguçados e afinados com o que os cerca. Uma das formas de propiciarmos essa experiência aos bebês se dá através das “melecas” - trabalho em que apresentamos diferentes materiais para exploração sensorial, tanto de texturas, como temperaturas, consistências e muito mais ..., e que proporciona descobertas imensuráveis por parte dos pequenos.

O material que vocês vêem aqui conta um pouco sobre essa experiência vivida por um grupo de bebês no primeiro semestre de 2015. Esses registros serviram de acompanhamento do trabalho com as crianças e também de comunicação aos pais. Confiram!

Semana Mundial do Brincar 2016

AUTOR (ES): **ALIANÇA PELA INFÂNCIA** 24 / MAI / 2016



Chegou mais uma Semana Mundial do Brincar! É hora de sensibilizar e mobilizar famílias, educadores, adultos e brincantes de todas as idades para que ofereçam tempo e espaço ao brincar das crianças.

A Aliança pela Infância, que desenvolve e inspira essa iniciativa desde 2009, está propondo “O brincar que encanta o lugar” como tema das atividades em 2016. Nesta semana – que acontece de 22 a 28 de maio em todo o país – uma semente será plantada, mas a ideia é que o valor do brincar seja cultivado em todos os momentos.

Como sempre, as atividades são abertas, promovidas voluntariamente por pessoas, grupos e organizações sensíveis ao encantamento das crianças. Em geral, são brincadeiras em espaço aberto, que envolvem música, arte, teatro, dança, circo, leitura, contação de histórias e manifestações culturais tradicionais e outras ações. O importante é que se trata do brincar livre, com brinquedos não estruturados, em que as crianças encantam o lugar com suas brincadeiras.

O tema escolhido para as atividades de 2016 busca chamar atenção para a necessidade de se abrir espaços para o brincar. A ideia é que famílias, educadores e adultos em geral mantenham e nunca percam o encantamento de seu olhar sobre a infância, que estimulem e propiciem lugar e tempo para a criança brincar. As atividades da Semana são pensadas para que os pequenos possam, com sua criatividade e imaginação, encantar ruas, praças, casas e escolas.

Mobilize sua comunidade, seu lugar, sua instituição, seu núcleo, sua família para participar dessa história. E compartilhe com a Aliança. Para saber mais, escreva para contato@aliancapelainfancia.org.br

O que uma criança aprende de ponta cabeça?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 09 / MAI / 2016



Entrevista

Carolina Elisabeth Oliveira

A pedagoga Carolina Elisabeth Oliveira, especialista em psicomotricidade, fala sobre a importância do movimento corporal e da brincadeira no desenvolvimento infantil.

O que é psicomotricidade? Você já ouviu falar sobre isso? Essa é uma área de conhecimento que estuda o desenvolvimento humano a partir do corpo e do movimento, considerando que toda aprendizagem envolve um fator corporal. Segundo a pedagoga e especialista no assunto, Carolina Elisabeth Oliveira, o trabalho com a psicomotricidade acontece por meio de atividades corporais e lúdicas, que trabalham os aspectos motores, sensoriais, cognitivos e psicoafetivos. A profissional foi nossa primeira convidada para participar da nova série de entrevistas do Laboratório de Educação no YouTube, que apresentará depoimentos de especialistas das mais diversas áreas ligadas às questões da infância.

Durante a entrevista, chama atenção o exemplo que Carolina Elisabeth dá sobre as crianças dinamarquesas. Há um incentivo dos psicomotricistas para que elas experimentem posições em que fiquem de cabeça para baixo. De

acordo com pesquisas, crianças de algumas regiões do continente africano, ao ficarem presas aos colos de suas mães enquanto elas realizam as tarefas do dia a dia, recebem este estímulo físico de movimento e inversão. Isso melhora funções como equilíbrio e coordenação motora. Cada cultura lida com o movimento corporal à sua maneira, pois diferentes hábitos de trabalho e lazer resultam em maneiras diversas de desenvolver e usar nossos corpos.

Será que as crianças brasileiras, principalmente aquelas que vivem em ambientes urbanos, recebem estímulos físicos, para seu desenvolvimento psicomotor? Nas escolas, dentro de casa e na rua, é comum ouvir adultos falando frases como “Não corre!”, “Pára quieto!”, “Não se suja!”, “Fica sentado!”. O movimento infantil é muitas vezes encarado como problema, e as crianças são incentivadas a controlar seus corpos, sem espaço para correr e se sujar. A criança “comportada”, que fica paradinha “nas horas certas”, que demonstra controle físico, é muito valorizada pelos adultos, que não sabem a importância que o movimento tem no desenvolvimento infantil. Se mexer ajuda a conhecer o próprio corpo, os próprios limites, desenvolve o equilíbrio, a consciência corporal e traz uma série de outros benefícios pela ótica da psicomotricidade.

Saiba mais sobre o desenvolvimento psicomotor acompanhando outros vídeos da entrevista com Carolina Elisabeth, e a sua página Crescer – Psicomotricidade e Desenvolvimento Infantil.

Fique ligado nas nossas próximas entrevistas do Laboratório de Educação, em que serão exploradas outras áreas do universo infantil!

Brincar: um ato atemporal

AUTOR (ES): **MUSEU DA MANTIQUEIRA** 08 / MAI / 2016

A linguagem das brincadeiras é universal e atemporal, capaz de passear por diversas conjunturas históricas. Pensar as brincadeiras e o brincar na atualidade são um desafio emergente diante da imersão tecnológica que vivemos. É necessário refletir a função social de cada brincadeira e seus

reflexos socioculturais: do pega-pega ao Candy Crush, do passa-anel ao FarmVille, da boneca de sabugo à Monster High.

No intuito de instigar essa reflexão, o Museu da Mantiqueira apresenta o mini-documentário “Brincar: um ato atemporal”. É uma seleção de depoimentos a partir do Acervo Audiovisual do MuMan que, por sua vez, foi coletado entre 2014 e 2015, a partir da metodologia da História Oral com moradores de São Bento do Sapucaí, São Paulo, nascidos entre as décadas de 20 e 40.

Brincar e reencantar a infância

AUTOR (ES): **ADRIANA FRIEDMANN** 29 / ABR / 2016

Semana Mundial do Brincar: sempre uma nova oportunidade para levar o brincar a todos os cantos e esconderijos das vidas das crianças. Brincar vai muito além de uma ação, de uma atividade, experiência, um tempo ou um lugar. Brincar é possibilidade de ser, de expressar-se, de compartilhar, de descobrir, de viajar a outros mundos, de reencantar a vida!

Quantas e quantas gerações de crianças viveram histórias de brincadeiras e brincares que ficaram impregnadas nas suas memórias, nos seus corpos, nos seus seres e saberes? Brincades que nos constituem na nossa humanidade, no ser em que cada um de nós se tornou por ter tido a oportunidade de brincar.

E por mais carente de oportunidades de brincar que tenha sido qualquer criança, todas – sim, todas! – tiveram brechas nas suas vidas para viver plenamente o que hoje se defende como um direito da infância.

VIVENDO INFÂNCIAS DE FORMA AUTORAL
E SIGNIFICATIVA

Criaram-se leis, estudos, pesquisas, eventos, movimentos, campanhas, dias e semanas dedicadas a um fenômeno tão básico como o brincar, por ele ter

perdido espaços e tempos nos cotidianos das crianças. As mais novas gerações foram privadas dessa vivência, que é absolutamente orgânica, necessária e constitutiva de qualquer ser humano. Em detrimento do quê? De um sistema social e educacional pressionar e se adiantar a processos, aprendizagens; querer hiperestimular as crianças sem respeitar os tempos, as escolhas e os ritmos de cada uma delas. Ansiosos como somos, nós, adultos, nos precipitamos em oferecer uma parafernália de objetos, brinquedos, apetrechos, tecnologias e estímulos – muitas vezes, inadequados –, tirando das crianças possibilidades de viverem suas infâncias de forma plena, autêntica, autoral e significativa.

O que é o brincar que encanta o lugar que a Aliança pela Infância propõe nesta Semana Mundial do Brincar 2016? É o autêntico encantamento que a linguagem do brincar propõe, das formas mais simples, inusitadas, espontâneas e muito profundas nas vidas das crianças.

É o brincar que propicia o sonho e a fantasia, o brincar que alimenta as almas e corpos infantis, o brincar que potencializa a possibilidade de tantas aprendizagens e trocas: é este o brincar que poderá reencantar as vidas das crianças de hoje.

Adriana Friedmann é Doutora em Antropologia (PUC), mestre em Metodologia do Ensino (Unicamp) e pedagoga (USP), coordenadora do NEPSID – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento, co-fundadora da Aliança pela Infância e criadora do Mapa da Infância Brasileira.

O Atelier na Escola da Infância

AUTOR (ES): **SILVIA ADRIÃO E PAOLA CAPRARO** 01 / ABR / 2016 - 01 / ABR / 2016

Relato de Prática : O atelier na Escola da Infância

Paola Capraro e Silvia Adrião

Introdução:

A Escola Italiana Eugenio Montale foi fundada em 1982 por um grupo de pais comprometidos com a produção de uma proposta pedagógica de base filosófica e humanista, acreditando no potencial transformador do ser humano. Promove um ambiente multicultural e diversificado, de acordo com as atuais exigências de uma escola internacional.

A missão que norteia a escola é promover um ensino amplo que vai além do acesso à informação e das exigências educativas, buscando a formação integral e crítica do indivíduo. Por princípio pedagógico atua com número reduzido de alunos em classes e proporciona um ambiente de diálogo e de interação, assegurando aos alunos a investigação, a comunicação, a cooperação e a autonomia. Os diplomas de conclusão de curso da Escola Italiana Eugenio Montale são legalmente reconhecidos pelos Países da União Europeia e pelo Brasil.

A escola funciona em horário integral oferecendo Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Atividades Extracurriculares e Cursos de Língua e Cultura. Interessa à escola que os alunos construam, ao longo da escolaridade, um lastro cultural e intelectual que lhes permita uma atuação responsável, competente, crítica e autônoma frente às exigências impostas pela sociedade. Tendo em vista estes princípios e o compromisso com a formação integral dos alunos, trabalhamos na educação infantil, que nominamos de Escola da Infância, inspirados na abordagem italiana de Reggio Emilia.

A Abordagem Italiana para a educação infantil de Reggio Emilia nasceu nesta região da Itália após a segunda guerra mundial. Com a destruição das escolas, a comunidade daquela região se viu diante de um desafio de reconstruí-las. Com Loris Malaguzzi, seu mentor, nasce uma experiência escolar que gradativamente ganharia seguidores pelo mundo inteiro, colocando a criança como um ser forte e pensante, capaz de se expressar com inúmeras linguagens, não só a escrita como se privilegia num sistema de ensino convencional. Sendo assim, entendemos a escola como um espaço que tenta preservar todas as várias linguagens da criança.

“... a imagem das crianças é uma imagem cultural e social que determina se você as leva em consideração, dependendo da qualidade dos serviços sociais e das escolas que você elabora. A imagem da criança é, portanto, um fator determinante na definição da identidade social e ética do sujeito. É o fator determinante na definição do contexto educacional como direito das crianças e das famílias.” (Rinaldi, 2002, p.76)

Uma das maneiras que encontramos para poder trabalhar todas as linguagens foi, de acordo com a abordagem citada, trabalhar com o atelier e a atelierista. Entendendo esta figura e este espaço como a ruptura do modelo tradicional cristalizado de um ensino transmissivo. O atelier, que perpassa todas as disciplinas, dá voz às curiosidades e à criatividade das crianças. Na nossa abordagem esta é vista como um ser competente, inteligente, que possui e cria cultura e que tem a própria visão de mundo.

“... O atelier serve a duas funções. Em primeiro lugar, ele oferece um local onde as crianças podem tornar-se mestres de todos os tipos de técnicas, tais como pintura, desenho e trabalhos com argila - todas as linguagens simbólicas. Em segundo lugar, ele ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação. O atelier tem um efeito importante, provocador e perturbador sobre ideias didáticas ultrapassadas.” (Vecchi, 1999)

A escola é pensada como um espaço de construção de cultura. O lugar de uma contínua transformação, onde as crianças, protagonistas do próprio processo de aprendizagem, são sujeitos ativos capazes de se mover no “mundo das maravilhas”, de explorá-lo e interpretá-lo. Onde tem a liberdade de se colocar em jogo.

Metodologia:

Na nossa escola da infância temos cinco classes. Destas, duas são formadas por crianças de dois a três anos e as outras classes onde estão, em classes mistas, crianças de três a seis anos. A atelierista, que é formada em arte, pois para nós o artista é quem mais consegue manter o olhar de uma criança, trabalha com todas elas, rompendo a formatação clássica e trazendo um olhar poético e narrativo da realidade. Na contramão do que a escola tradicional propicia, (que é o modelo pronto, que vai fazendo com que a criança abandone suas hipóteses, sua curiosidade e a capacidade criativa que lhe é nata para incorporar produtos prontos, um currículo mais rígido, muito próximo do currículo escolar oficial para o ensino fundamental) nosso trabalho visa instigar, promover e ampliar o repertório e o conhecimento das crianças.

“O mundo, como você pode ver, é sempre um rascunho nunca terminado. Sempre descaradamente e estupendamente maravilhosamente fresco.” (Loris Malaguzzi, 1991)

“O diálogo entre a pedagogia e a arte transforma as metodologias didáticas e a organização do trabalho, as diferentes linguagens expressivas se tornam parte do complexo processo de construção do conhecimento.” (Neruda, 2008)

O espaço do atelier é um local onde diversos materiais são colocados à disposição das crianças para que, com a escuta atenta do atelierista, as crianças manifestem suas hipóteses e possam dar forma para seu pensamento. O atelier é mais do que um lugar, é uma cultura, é um conceito. A ideia de oportunizar e dar voz à criatividade. Porém, a figura que se aposta ser o grande diferencial desta abordagem é a do atelierista. Como citado anteriormente, deve ser uma pessoa com formação artística e que se permita, cotidianamente, ouvir as crianças. Não há uma aula de arte. Não há um momento previamente estabelecido ou rígido. O encontro com a/o atelierista acontecerá em diversos momentos da rotina, por isso é uma pessoa que permanece o período todo na escola, e durante esta permanência, vai construindo com as crianças aquilo que, por curiosidade, interesse ou até necessidade, elas querem construir. O atelierista fica em copresença, entendida esta como um “copensamento”, um pensar junto, com as professoras. Um “pensar” para confrontar as dúvidas e verificar as hipóteses. Reconhecer as competências das crianças e ajudá-las nas tantas direções que sua própria pesquisa pode tomar e que nunca são definidas a priori.

Muitas vezes, se estabelece com o grupo um projeto de trabalho a partir de um tema de interesse comum de todos ou até de um pequeno grupo, e neste projeto, que se consolida com o passar dos dias e geralmente dura por volta de três meses de trabalho, a depender das crianças e suas necessidades, e o atelierista irá contribuir com seu olhar para enriquecer e tornar possível as hipóteses e formas que as crianças almejam.

Para que estes projetos expressem o pensamento e a linguagem das crianças, o atelierista irá buscar diversos recursos e materiais que garantam o maior número de expressão possível. Usamos recursos das artes plásticas, da música, do corpo, das leituras, escritas, natureza... Enfim, as cem linguagens das crianças.

Podemos citar alguns temas que já foram objeto de pesquisa e exploração das crianças como: fundo do mar, Egito, animais, insetos, a natureza, personagens e etc. As possibilidades são muitas. Quem define ou aponta estes caminhos são sempre as crianças. Não há um modelo, pois o que acontece é uma renovação diária onde as crianças são acompanhadas na exploração e interpretação do mundo e da realidade.

Conclusão:

Enfim, para nós não se trata de um conhecimento para transmitir, mas uma leitura da realidade para ser construída junta. Quando conseguimos de verdade escutar as crianças se abre para nós um mundo e uma paisagem de sentimentos, de conhecimentos, de consciência de capacidades e competências que são novos. São novos jeitos de ver as crianças e de como elas aprendem e interpretam o mundo. Elas nos falam das próprias visões de mundo, de realidade e da própria construção do conhecimento e, para usar uma metáfora de Carla Rinaldi, o pensamento e as mensagens delas são como as garrafas de vidro onde se colocam um bilhete e são lançadas ao mar a procura das praias da escuta para dar sentido ao próprio pensamento. Precisamos criar situações para promover a pesquisa e o conhecimento. Dar as diferentes visões e saber ouvi-las. É importante se colocar em discussão por meio do olhar crítico do outro. O adulto tem que criar as condições para ativar as competências das crianças de modo que sejam elas mesmas a estruturarem os sentidos e dêem base para a própria aprendizagem. Pois aprender não é repetir as informações, mas atribuir significado e sentido ao próprio saber. Quando alguém escuta o torna legítimo. Legitimar a visão de mundo das crianças.

O atelierista, com a visão “infantil” e poética contribui para legitimar a narrativa da realidade das crianças. Acreditamos que este exercício de relativizar os diferentes pontos de vista e da escuta, com um processo de desconstrução do próprio saber para torná-lo acolhedor para o outro, fazem com que a pedagogia se torne um processo cultural e ativo, e a escola um lugar de construção de cultura.

Certamente há sempre o que se rever, aprimorar e amadurecer na construção desta pedagogia. Assim como não há um caminho rígido para as crianças, é também uma contínua construção para a escola. Também não se trata de uma abordagem para resultados objetivos, por tanto é difícil dizer até onde vai o alcance ou contabilizar os resultados nas produções ou desempenho das crianças. O que é possível e, para nós, fundamental, é que podemos dizer sim que é um trabalho que não subestima as crianças e seus conhecimentos. Que tudo que é proposto para e com elas, é realizado, muitas vezes de forma surpreendente. Que de cada situação nova debatida e acordada com elas, nasce um novo percurso, uma nova forma, um novo olhar. Podemos afirmar também que as crianças estão sempre motivadas, empenhadas em fazer, pesquisar, mexer, observar e construir, porque esta abordagem dá à elas o direito de permanecerem com este espírito investigativo e curioso, o direito de ser criança na sua plenitude.

“... na Itália, consideramos as creches e as pré-escolas como contextos capazes de apoiar e enriquecer a vida das crianças, não como lugares destinados a desenvolver competências. Demonstramos estas convicções mantendo com as famílias fortes relações de apoio, oferecendo horários de tempo integral, atenção cuidadosa aos períodos de transição e às rotinas diárias, bem como reservando tempo suficiente para o jogo simbólico e livre por parte das crianças.” (Mantovani, 2002, p.52)

Principais fontes bibliográficas:

BALDINI, R; CAVALLINI, I.; VECCHI, V. Una città, tanti bambini. Reggio Children Editore, 2010.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

EDWARDS, C.; GANDINI, L. Bambini: A Abordagem Italiana para a Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VECCHI, Vea. O papel do atelierista. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella e FORMAN, George. As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p.129-141.

Silvia Adrião e Paola Capraro
Diretoras Didáticas



Imagem 1.



Imagem 2.



Imagem 3.



Imagem 4.



Imagem 5.



Imagem 6.



Imagem 7.



Imagem 8.



Imagem 9.



Imagem 10.



Imagem 11.



<https://youtu.be/c53kg0ddGm4>

Carinho é algo que se aprende

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 29 / MAR / 2016

Uma criança aprende muito, a cada dia, desde seu nascimento. Mas será que também aprende a sentir e expressar emoções? Como?

Desde seu primeiro dia de vida, as crianças procuram entender o mundo a seu redor. Aos poucos, aprendem também a se comunicar. Em geral, em pouco tempo, as mães, os pais ou as pessoas responsáveis por cuidar do bebê conseguem descobrir se a razão do choro é resultado de fome, sono, dor ou o desejo de um colo. Daí em diante, conforme a criança cresce, suas possibilidades de comunicação por meio de gestos, de expressões e da fala, por exemplo, crescem igualmente.

Essas aprendizagens e tantas outras são frutos da interação com os adultos e da imitação. Mas será que a criança também aprende, desse mesmo modo, a expressar sentimentos, como o carinho?

Um vídeo que circula na internet pode nos ajudar a pensar sobre esse tema. O que está por trás da reação de uma menina pequena ao recepcionar de forma impressionante um amigo que havia faltado na escola por uma semana? As atitudes dela e de outros de seus colegas são emocionantes: eles correm ao encontro do garoto, o abraçam, o acariciam, dizem que estão felizes em vê-lo e com saudade. Vale a pena assistir!

Certamente, essa cena mostra muito para nós, adultos, não? As expressões de afeto, de carinho são também aprendidas por imitação. Na correria diária, por vezes, nós nos esquecemos de explicitar, em gestos e palavras, a importância que o outro tem para nós. Crianças aprendem com os adultos, o tempo todo, mas, às vezes, nós temos que aprender – ou relembrar – com elas!

Diálogos do Brincar: Um olhar para o brincar

AUTOR (ES): **TERRITÓRIO DO BRINCAR E INSTITUTO ALANA** 15 / MAR / 2016

O Território do Brincar, em parceria com o Instituto Alana, lança, em 2016, a iniciativa ‘Diálogos do Brincar’, uma série de 10 (dez) videoconferências, que buscam abrir diálogos com educadores, pais, estudantes, artistas, gestores,

profissionais da saúde e demais interessados, sobre o brincar, a infância e a educação.

Durante 2 anos, a educadora Renata Meirelles e o documentarista David Reeks, coordenadores do Projeto Território do Brincar, visitaram comunidades rurais, indígenas, quilombolas, grandes metrópoles, sertão e litoral em busca de registrar as sutilezas dos gestos infantis e a espontaneidade do brincar. Os registros, realizados em foto, vídeo e texto, despontam as belezas da infância e nos revelam o Brasil a partir do olhar das crianças.

O Projeto, que é correalizado pelo Instituto Alana, gerou um material rico e extenso, que deu origem a diversas produções culturais, como livros, filmes de curta metragem, exposições, artigos, séries para TV e também um filme de longa metragem, lançado em maio de 2015.

No filme, as cenas revelam um brincar livre, que nasce de dentro para fora, intimamente ligado à natureza e que acontece no tempo da criança; na realidade de tantas escolas – e principalmente dos grandes centros urbanos – uma dinâmica que parece não acolher as reais necessidades da infância.

Destas inquietações, nasceram muitas perguntas sobre os diferentes temas que o filme e o material despertam: a importância do brincar livre, o tempo da criança, a relação entre criança e natureza, a mistura de idades, o brincar e a família, entre tantos outros.

Assista o vídeo do primeiro encontro e veja a programação dos próximos Diálogos do Brincar.

18/02 – “Um Olhar para o Brincar”, com Renata Meirelles e David Reeks, coordenadores do Projeto Território do Brincar

31/03 – “Criança e natureza”, com Gandhi Piorski, pesquisador das práticas da criança (Dia 31/03, às 19h, neste link!)

28/04 – “A voz da criança”, com a educadora e antropóloga Adriana Friedmann.

24/05 – “O tempo da criança”, com a educadora Luiza Lameirão.

A exposição das crianças na TV

AUTOR (ES): **BETH CARMONA** 02 / FEV / 2016



Com a colaboração de Vanessa Fort, Liana Milanez e Raquel Lemos.

Foto de capa: MasterChef Junior. Foto: Carol Gherardi / Band

A recente estreia da versão brasileira do The Voice Kids (TV Globo) e a experiência recente do Master Chef Junior (Bandeirantes e Discovery Home & Health) sinalizam a necessidade desse debate. Em formato de reality show, o programa de culinária apresentou números impressionantes, com direito a planos para uma segunda temporada. Diversos países têm replicado ambos os formatos e também relatam grande repercussão.

Com milhares de seguidores e fãs nas redes sociais, os reality shows não são simplesmente programas de TV. Trata-se de uma ação crossmedia, ao vivo e online, que não tem como primeiro destino o público infantojuvenil. Esses programas alcançam toda a população indiscriminadamente, na TV aberta e por assinatura, com perspectiva de vida intensa em outras telas e redes. Sua eficiência e impacto deve-se principalmente às manifestações via twitter,

facebook e outras redes sociais. Uma vez na tela, todos estão expostos e correm o risco de virar assunto de um coletivo anônimo, que joga comentários “na roda” de forma imediata, espontânea e, muitas vezes, inconsequente.

A experiência de ver TV mudou com a proliferação de telas (celular, computador, tablet) e com o hábito de navegar na web de forma simultânea à programação. As opiniões são expressas em tempo real, como em uma grande sala de amigos e, por que não, “sala de rivais”. Essa prática tem ganhado contornos cada vez mais importantes na sociedade brasileira, seja pelo debate de causas e opiniões, seja pela manifestação de preconceitos e discursos abusivos. A articulação da TV e web faz parte de uma cultura de convergência que estamos vivendo há alguns anos.

A competição entre adultos, o Master Chef, por exemplo, tem elementos poderosos para engajamento do público. Além de, na edição, exagerar nos antagonismos e na construção de tipos, com reforço nas redes sociais. No caso da competição infantil, somado a tudo isso (com todas as tensões que isso oferece), temos as crianças adultizadas, ora causando surpresa por suas habilidades, ora encantando por serem simplesmente crianças. Os pequenos são tirados do seu espaço e tempo infantis e “vestem” personagens para o entretenimento familiar.

Se lembrarmos a estreia bastante tumultuada da última temporada do MasterChef Junior, é necessário analisar de perto o que aconteceu. Já no primeiro episódio, uma das meninas participantes da competição sofreu assédios vindos do twitter e outras mídias sociais. Desse ocorrido ultrajante, a assessoria de imprensa da TV Bandeirantes fez uma carta de repúdio somado a muitas manifestações espontâneas de internautas.



Foto: Divulgação
Masterchef Junior
Brasil

Desse episódio, o coletivo feminista Think Olga criou a campanha #Meuprimeiroassédio. Com grande repercussão, centenas e milhares de mulheres compartilharam suas experiências de assédio na infância, destacando a necessidade de discussão sobre o assunto, muitas vezes oculto em nossa sociedade. Desses debates e campanhas, estamos vivenciando um momento diferente e poderoso, nessa cultura horizontal de debate e reflexão.

Produtores e criadores devem estar atentos e preparados para participar e se posicionar com esse tipo de questão tão importante e delicada, mais ainda quando exposta nesses ambientes midiáticos.

A TV Globo começou a exibir o The Voice Kids Brasil e já antecipou que as crianças receberão apoio permanente de psicólogos e outros profissionais da área. Trata-se de uma ação importante, mas será suficiente?

A exposição infantil à tensões e à competição

Um outro programa, o documentário holandês Bente's Voice levanta questões importantes, como a exposição infantil à competição e grandes tensões.

Finalista do Festival Prix Jeunesse Internacional em 2014, na Alemanha, o documentário foi produzido e dirigido pelo canal público holandês VPRO com a intenção de mostrar bastidores da versão holandesa do The Voice Kids.

Dirigido às crianças, a produção apresenta Bente, uma menina de 11 anos, tímida e dona de uma linda voz e flagra momentos de frustração e depressão vividos por ela, durante a competição. As câmeras captam momentos reveladores, como o ato da assinatura de um termo de conduta, onde crianças e pais se comprometem a evitar e controlar comportamentos não desejáveis, frente às câmeras como, por exemplo, indignação ou choro na hora da exclusão. O documentário continuou acompanhando a rotina de Bente e mostrou como sua vida passou a fazer parte das redes sociais e de uma indústria invasiva de notícias.

Não foi fácil para Bente voltar à vida normal após esse “furacão”. Faz parte do propósito do documentário mostrar às crianças os bastidores de toda a ilusão que a competição e o formato promovem, e sua relação com a vida normal; descortinar situações aparentemente encantadoras e felizes com humor e surpresa; mostrar o sofrimento e a fragilidade após a eliminação.

O ECA e a legislação

A legislação brasileira prevê a fiscalização e controle da exposição infantil na TV, a partir de princípios apresentados no Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outras convenções de direitos. O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 atualizado pela Lei nº 12.796/2013, de 04 de abril de 2013) está há anos protegendo os menores ao lado da Constituição Federal de 1988. Ela permite a participação de crianças de forma legal na TV e no mundo do entretenimento, desde que assegurados procedimentos e conduta básica por parte dos seus criadores e produtores.

Para obtenção do alvará judicial na justiça, além de autorização dos pais/responsáveis, é exigida a apresentação de uma lista de documentos que demonstrem segurança e adequação das crianças ao “evento” artístico, informações sobre o conteúdo geral do programa, entre outros documento;

sempre tendo como preocupação a integridade do menor, em amplos sentidos. A lei possui aspectos subjetivos passíveis de interpretação. Trata-se de uma redação com aberturas, que faz parte do ambiente democrático. Ou seja: ela pode ser acionada quando houver a interpretação de que foi praticado algum tipo de abuso na participação das crianças em programas de entretenimento. Assim descrita, garante a não existência de um caráter de censura, que acabe por proibir a participação infantil de forma irrestrita em qualquer tipo de produção (TV, teatro, cinema, etc).

É preciso considerar que a lei é anterior à expansão da internet, e que também não tem sido analisada sob a ótica do trabalho de menores em ambientes artísticos. Frente a nós, temos muitos desafios nesse sentido, inclusive de um Poder Judiciário que, embora atue de forma reativa, não consegue acompanhar a agilidade da produção e o dinamismo da veiculação do ambiente digital.

A ética e a responsabilidade

Frente a isso tudo, precisamos estar atentos e nos posicionar eticamente em relação a essa exposição infantil na TV. Responsabilidade, dignidade, respeito e atenção seria o mínimo a ser cuidado desde já. Há que considerar a real vontade da criança de estar ali, exposta e sendo solicitada a atuar.

Qual é a nossa ética em relação a essa criança? A escutamos, geramos ilusões, somos honestos com elas? Quais são estímulos e conduta em relação a criança? Qual o papel do adulto como estimulador dessa participação? Qual o nível de consciência dos responsáveis sobre essa TV que compartilha opiniões, comentários e julgamentos muitas vezes inconsequentes? Não estamos ultrapassando limites ao expor crianças, tanto as ganhadoras como as eliminadas?

São questões delicadas que exigem reflexão de toda sociedade que, atualmente, apresenta traços de radicalismos, imediatismos e profundo desrespeito com o outro. A participação das crianças na mídia está suscetível a esse tipo de manifestação que pode deixar marcas profundas no desenvolvimento das crianças e jovens.

Convidamos você a refletir conosco. Os comentários são bem vindos.

Fonte:

<http://comkids.com.br/a-exposicao-das-criancas-na-tv-e-os-formatos-de-comp-eticao/>

O mundo de Bartô

AUTOR (ES): **ITAÚ CULTURAL** 29 / JAN / 2016



Autorretrato
de um **rato**

“Oi, pessoal! Eu sou o Bartolomeu. É um prazer conhecer vocês!”

Não sabemos se foi ele quem roeu a roupa do rei de Roma nem se ele é coitado porque nasceu pelado, mas, certamente, ele faz a festa quando os

gatos saem de casa. O Itaú Cultural tem a honra de apresentar o seu mais novo funcionário, o pequeno em tamanho, mas grande em ideias, Bartolomeu – mais conhecido como Bartô.

O Mundo de Bartô no Itaú Cultural

Como Bartô é supercurioso, ele coloca em seu site todas as informações que encontra por aí. Tem entrevistas com personalidades do universo infantil, dicas de filmes, livros e espetáculos escolhidos a dedo pelo simpático roedor e uma série de fanzines com vários tipos de jogos de colorir e recortar, além de textos em linguagem simples sobre temas ligados ao mundo da arte e da cultura.

Para que você conheça um pouco mais sobre o nosso novo amigo, realizamos um bate-papo com ele. Por enquanto, as perguntas são simples – não queremos ser indiscretos –, mas do jeito que o Bartô é extrovertido daqui a pouco você vai saber tudinho sobre ele.

O ratinho – além de assíduo frequentador das exposições, de mostras de filmes, de seminários e de espetáculos de dança, música e teatro – ganhou sua própria toca no ambiente virtual do instituto, O Mundo de Bartô no Itaú Cultural. O site é dedicado a crianças de 5 a 12 anos, mas conteúdo para toda a família é que não falta!

De frente com Bartô

Equipe Itaú Cultural entrevista Bartolomeu.

1. Onde você mora?

Eu moro em uma toca bem escondida no último andar do prédio do Itaú Cultural, na Avenida Paulista, em São Paulo. É bom morar na cobertura porque posso admirar as estrelas no céu e decolar mais facilmente com minha mochila-foguete – milagre da tecnologia, meu meio de transporte favorito.

2. Do que você mais gosta no Itaú Cultural?

Eu gosto de tudo o que me inspira a fuçar. Não sei se você sabe, mas meu focinho fica todo animado quando descubro alguma novidade. Pode ser um artista, uma técnica, uma exposição, uma peça de teatro, um filme, o que for,

vou atrás para saber mais. Então, para mim, o Itaú Cultural é uma fonte de inspiração. Ele me faz cada dia mais curioso.

3. O que você gosta de fazer em seu tempo livre? (Gosta de viajar? E de estudar?)

Eu adoro voar. Só preciso tomar cuidado com uns pássaros que curtem almoçar rato distraído. Mas nessas de gostar de voar, sempre com atenção, aprendi a viajar e conhecer ratos de outros países para falar de arte, de cultura, de esportes, de tudo. Para isso, eu preciso estudar muito, sabe. Eu estudo todo dia um pouco de história, leio um bom livro de literatura ou de poesia e estou aprendendo outros idiomas. Você sabe como é rato em maori? Kiore! E em iorubá? Eku! Mas meu favorito é em italiano: topo!

4. Quantos anos você tem?

Eu tenho 11 anos de rato. Se a gente falar em tempo dos humanos, tenho só seis meses!

5. Por que seu apelido é Bartô?

Minha mãe roeu todos os livros do Bartolomeu Campos de Queirós, que é um autor incrível. Ela, como homenagem, me deu o nome de Bartolomeu. Para os mais chegados, como você, eu me apresento como Bartô. Para facilitar, sabe como é?

6. Você tem muitos amigos?

Centenas! Como você sabe, a população de ratos é gigante – a diferença é que vivemos escondidos.

7. Você gosta de tomar banho?

Adoro, mas banhos rápidos. Eu canto no chuveiro sempre músicas de três minutos. A última que cantei foi “Ratinho Tomando Banho”, do Hélio Ziskind, sabe qual é? Quando a música acaba, vejo que já estou cheirosinho e fecho a torneira.

8. O que você quer ser quando crescer?

Quero ser tantas coisas que não sei por onde começar. Vamos à lista: artista plástico, arquiteto, ator, bonequeiro, matemático, biólogo, programador, designer, médico, mestre queijeiro etc. Se eu pudesse pedir uma coisa, só

uma, seria crescer e continuar fuçador como sou hoje. Curioso, quero ser curioso quando crescer.

9. Se você não fosse um rato, o que seria?

Olha, eu já pensei em muitas coisas. Talvez um pinguim para nadar no gelo, um camelo para atravessar o deserto, uma andorinha para atravessar o mundo voando. Mas acho que seria demais ser um kilobyte para circular por toda a internet e aparecer na tela de todos os computadores do mundo.

10. O que você gosta de vestir? Sua mochila é muito pesada?

Meu visual é mais urbano, saca? Curto uma roupa confortável, que é boa para voar, ficar em casa, ir a shows etc. e etc. sem ter de ficar me trocando muito. Minha mochila é grande, mas é leve. A não ser que eu encha de livros, como sempre acabo fazendo, e fica ruim para decolar.

11. Qual sua comida preferida?

Eu não sou mineiro, gente, mas pão de queijo me deixa com água na boca...

12. Do que você gosta de brincar?

De gato mia! E de brincar com as palavras, ainda mais as palavras difíceis! Por isso eu criei uma seção no meu site chamada #Favoritas com as palavras que aprendi a conhecer melhor.

13. Você já sabe ler e escrever?

Eu sei ler e escrever porque cresci no meio dos livros. Meu pai era rato de biblioteca.

14. Se você fosse um super-herói que superpoder gostaria de ter?

Eu queria ter o poder da multiplicação dos queijos, o poder de falar todos os idiomas do mundo e o poder de falar com ratos de outros planetas.

15. Você tem medo de alguma coisa? Tem medo de gato?

Como eu amo muito meus amigos, como você, meu maior medo é ficar cheio de saudades até explodir.

16. Você gosta de contar histórias?

Adoro! Mas eu ainda prefiro ouvir histórias porque sou muito novo e tenho muito a aprender, sabe?

17. Você gosta de ver TV?

Puxa, sinceramente, eu gosto mais de assistir aos vídeos no computador. Eles estão lá, entende, não precisa ficar trocando de canal. Achei coisas maravilhosas na internet. Eu gosto muito da internet, já disse isso para você? Pois é, eu gosto tanto que criei um site, O Mundo de Bartô (<http://bartoitaucultural.org/>). Daqui a pouquinho você poderá me visitar!

Fonte:

<http://www.itaucultural.org.br/explore/blogs/alem-da-agenda/o-mundo-de-barto-no-itaucultural/>

A brincadeira como poética da infância

AUTOR (ES): **INSTITUTO TEAR** 06 / JAN / 2016



Roquinho é um jeito carinhoso de chamar o menino que soube aproveitar a infância, mas cresceu e continua Roquinho. Por ter sido criado no interior de uma pequena cidade de Minas Gerais, Roque Antônio Soares Junior, o Roquinho, gosta de brincar com a natureza, “muitas vezes brincar com a natureza é um desafio: a criança ou o adulto imagina algo e está desafiado a construir um sonho realizado pelas mãos”.

Construtor de barquinhos, com elementos da natureza, em Padre Paraíso, na rua Santa Luzia, Roquinho promovia corridas na enxurrada!

Ele diz que na natureza encontramos o que ele chama de “Brinquedos de Deus”, por estarem prontos, não precisam ser transformados: “folhas, flores, cascas, são brinquedos que estão prontos naturalmente, como sementes da Imburana ou Mogno que são jogadas da árvore e descem rodando como helicóptero, como cascas de frutos que são canoinhas perfeitas, como as do Pente de Macaco. A Natureza sempre nos ampara quando o desejo é Brincar.”

Quando a criança transforma a natureza em brinquedo, ou seja, naquilo que mais ama, acrescenta em si, razões para amar também a natureza. Brincar em meio à natureza, com a natureza, é dar sentido pleno ao brincar. Brincar é um exercício de desenvolvimento do ser “e só a vastidão da Natureza, com os seus elementos e a sua condição de Mãe, como diz Dona Zefa, é capaz de devolver a quem Brinca, a resposta correta à sua necessidade e desejo de desenvolver-se”.

Roquinho aprendeu com Lydia Hortélio a observar a palavra na brincadeira quando esta brincadeira foi feita, ou foi transformada pela criança. “Acho muito bonito o papel que a palavra ganha, ela vai perdendo o seu sentido literal, vai se transformando em um artifício sonoro, percussivo que compõe a “música”, que dá ritmo ao movimento e ao corpo! Ai você “vê”: Pi -Pan-dó, Tá teró- téz, Ôla-bi-zó-gá é sapateró! E se pergunta: o que quer dizer? Impossível saber até que se brinque e o “poema” se revele não só para o entendimento da cabeça, mas para a compreensão do corpo inteiro!”

Em relação ao educador, Roquinho é enfático “eu sugiro não perder de vista a sua própria infância”, para ele ao educador cabe pensar, elaborar um processo pedagógico que compreenda o que sugira o brincar: promover conhecimento com alegria, liberdade, movimento e “trazer para o centro dos seus conhecimentos de educador este saber que nasce do fato de ter sido criança por longos anos da sua vida e todo o conhecimento posterior, formal ou informal, organizar e fazer girar em torno”.

Entrevista do Mestre Roquino ao Astrolábio

1) Você brincava mais quando era criança do que brinca agora?

Sim, brinquei muito... e tenho certeza que a minha escolha de vida está intimamente ligada à lembrança que trago deste tempo!! O Menino que eu fui me guia em muitos momentos e me ajuda a pensar o mundo, a criação dos meus filhos, etc... Eu penso que trazer vivo o sentido original do Brincar, por ter Brincado, é o que melhor me qualifica para ser Brincaste, Educador e me colocar diante das Crianças hoje!

2) Como descobriu os barquinhos na natureza? Que outros brinquedos naturais podemos encontrar na natureza?

Os Barquinhos são um brinquedo da Infância... Em Padre Paraíso, na rua Santa Luzia, promovíamos corridas de Barquinhos na enxurrada!

Na Natureza encontramos o que eu chamo de Brinquedos de Deus! Isso por estarem prontos. Não precisam ser transformados: as sementes voadoras, como as da Imburana ou Mogno... cascas de frutos que são canoinhas perfeitas, como as do Pente de Macaco. Para além, creio que são infinitos os Brinquedos da Natureza... Basta pensar em algo, casinhas, carrinhos, estradas, lagos, bichos... A Natureza sempre nos ampara quando o desejo é Brincar!

3) Qual é a diferença entre brincar com os elementos da natureza e brinquedos prontos industrializados?

Existem diferenças muito significativas! Quase sempre brincar com a natureza é um desafio: nada está pronto! Tudo esta por ser feito! Então a criança ou o adulto imagina algo e está desafiado a dar uma configuração prática ao que imaginou!!! Desafiado a Construir!! Você sonha e as suas mãos realizam!

Sem contar que quando a Criança transforma a Natureza em brinquedo, ou seja, naquilo que mais ama, acrescenta em si, razões para amar também a Natureza!

Por fim, Brincar em meio à Natureza, com a Natureza, é dar sentido pleno ao Brincar... Brincar é um exercício de desenvolvimento do ser. e só a vastidão da Natureza, com os seus elementos e a sua condição de Mãe, (como diz Dona Zefa) é capaz (como nada mais) de devolver a quem Brinca, a resposta correta à sua necessidade e desejo de desenvolver-se.

4) O tema do Círculo da Infância do Tear este ano foi: Poesia em estado de menino e Menino em estado de Poesia” – onde palavra e brinquedo/brincar são partes da poética da infância, para você onde está a palavra na brincadeira?

Aprendi a observar com Lydia a palavra na Brincadeira quando esta brincadeira foi feita, ou foi transformada pela criança!! Acho muito bonito o papel que a palavra ganha... Ela vai perdendo o seu sentido literal... Muitas

vezes, vai se transformando em um artifício sonoro, percussivo que compõe a “música”, que dá ritmo ao movimento e ao corpo! Ai vc “vê”: “Pi -Pan-dó, Tá teró- tézó... Ôla-bi-zó-gá... É sapateró!!! E se pergunta: o que quer dizer? Impossível saber até que se brinque e o “poema” se revele... não só para o entendimento da cabeça, mas para a compreensão do corpo inteiro!

5) Qual o papel do educador na hora de brincar com a natureza e as crianças? Como se qualificar para isso?

De uma maneira geral, acho que ao Educador cabe pensar, elaborar um processo pedagógico que compreenda o que sugere o Brincar: promover conhecimento com Alegria, liberdade e Movimento...

Ao educador, para se qualificar, eu sugiro não perder de vista a sua própria infância... Não permitir que o sentido original da linguagem deste tempo se apague!! Trazer para o centro dos seus conhecimentos de educador este Saber que nasce do fato Dele ter sido criança por longos anos da sua vida... e todo o conhecimento posterior, formal ou informal, organizar e fazer girar em torno!

6) Hoje em dia, nos grandes centros urbanos, as crianças tem feito muitas atividades extra turno escolar mas têm brincado pouco, isso é verdade?

Meninos e Meninas têm brincado menos em Liberdade, menos em meio à Natureza. E de uma maneira geral, têm brincado menos!

Penso que se nós adultos, que fomos criança há tão pouco tempo e brincamos uns com os outros, com mais liberdade, nos quintais, nas praças e ruas, avaliarmos que Meninos e Meninas de hoje não têm uma infância melhor do que a que tivemos, vemos comprometido todo o nosso sonho de um mundo e uma humanidade melhores! Então, como diria Lydia Hortélio, temos que nos mover!! A Criança em qualquer tempo será nossa parceira. Nela, o desejo de cumprir a infância pelos caminhos da sua cultura, brincando, estará sempre preservado!

7) Você pode falar do Carretel?

A Carretel é uma Empresa. Ela nasce para gerenciar e organizar parte do nosso trabalho! Ao longo da vida nós Brincantes de Belo Horizonte mantivemos nossa relação com organismos não formais e uma atuação ligada a movimentos sociais, como o MST, Associações de Bairro, Grupos de Tradição, etc. Este foi o chão da nossa formação!

Este foi o segundo ano, em que, através da Carretel, ampliamos de maneira organizada a nossa relação com outros setores: poder público, Instituições e empresas e pudemos, ao mesmo tempo, ter recursos para pensar e executar projetos e parcerias de maneira independente. Um destes projetos é a parceria perene com as Meninas de Sinhá, na Comunidade do Alto Vera Cruz, em BH. Agora entramos no tempo de preparação do Auto de Natal que já acontece ali há 20 anos! O outro é uma parceria com a Creche Terra Nova, da Vila Acaba Mundo. Onde, ao longo de 2015, temos construído uma experiência conceitual e de apontamentos práticos com os educadores e a comunidade!

A natureza é uma possibilidade da criança se encantar pelo mundo. Roquinho diz que, quando bem plantada na alma infantil, a natureza gera muitos frutos: transforma o menino num adulto mais conectado com seu planeta.

A criança tem uma predisposição em relação à natureza. Ela nasce com um desejo muito forte de brincar na natureza e com a natureza.

O brinquedo é um caminho profundo para o conhecimento, como se fosse uma pedagogia, que inaugura conhecimentos especiais para o ser humano. É importante reconhecer essa força na ação dos meninos e pensar em como ela pode ser uma inspiração.

Mais uma vez se coloca como professor diante do menino, quando há possibilidade de aprender com a criança. O mestre da brincadeira é menino, não é o adulto.

Desde 1998 Roquinho pesquisa cantigas, brincadeiras e batuquinhos para a primeira infância com o Grupo Meninas de Sinhá, este Processo gerou um dvd.

Fonte: Instituto Tear: <http://institutotear.org.br/4541>

Documentário Brincantes

AUTOR (ES): **PARABOLÉ EDUCAÇÃO E CULTURA** 13 / DEZ / 2015



Quando soa o sinal, as crianças correm pelo pátio da escola em direção ao tempo que, para elas, é o mais precioso do dia: o recreio. Durante 20 minutos, distanciados do olhar dos adultos e com autonomia para decidir e protagonizar sua própria diversão, elas produzem regras de convivência e expressam sua criatividade inventando as suas brincadeiras. Dos jogos de mãos às coreografias improvisadas, da mãe polenta ao polícia e ladrão, o recreio é o tempo em que as crianças produzem cultura não só pelo que assimilam na experiência com os adultos, mas sobretudo a partir das relações que estabelecem entre si, na intimidade dos grupos dos quais fazem parte.

Brincantes é fruto de uma extensa pesquisa realizada em escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba com crianças de 3 a 11 anos, durante os intervalos de recreio. Além de observar a prática das brincadeiras, este projeto dá voz às crianças e privilegia o seu argumento. Assim, o que se

espera é que a comunidade escolar reconheça a si própria não apenas pelas suas normas ou pelo seu currículo oficial, mas também pela cultura produzida e experimentada cotidianamente pela sua comunidade, da qual as crianças são parte essencial.

O documentário Brincantes dura cerca de 25 minutos e foi lançado em abril de 2010 na Cinemateca - Curitiba. Teve sua exibição nos Festivais: IGUACINE 2010 -- 3o Festival de Cinema da cidade de Nova Iguaçu (Nova Iguaçu-RJ) e 14O FAM 2010 -- Florianópolis Audiovisual Mercosul (Florianópolis-SC). Também no ano de 2010, foi agraciado com a Menção Honrosa pela Associação Brasileira de Antropologia. O filme participou do VIII Concurso Pierre Verger de Vídeo Etnográfico de 2010, realizado em Belém-PA, durante a 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, com o tema geral "Brasil Plural: Conhecimentos, Saberes Tradicionais e Direitos à Diversidade".

O ECA e o Direito de Brincar

AUTOR (ES): **MARILENA FLORES MARTINS** 22 / DEZ / 2015



Várias pesquisas têm demonstrado que brincar reúne todas as condições necessárias para que o desenvolvimento infantil se processe de maneira harmoniosa. A oferta de permanentes desafios e contatos facilita a formação de vínculos positivos com os adultos, que irão influenciar sua vida futura.

A legislação brasileira reconhece explicitamente o direito de brincar, tanto na Constituição Federal (1988), Artigo 227, quanto no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), Artigos 4º e 16, mas ainda não oferece as condições para que esse direito seja exercido plenamente por todas as crianças. Outros direitos e princípios do ECA guardam direta relação com o brincar, dentre os quais destacamos, direito ao lazer (art. 4º), direito à liberdade e à participação (art. 16), peculiar condição de pessoa em desenvolvimento (art. 71).

A importância do brincar já foi reconhecida, também, em diversos documentos legais internacionais e nacionais, dos quais destacamos a Convenção dos Direitos da Criança – CDC, no Art. 31. No Brasil existem várias organizações que defendem o direito de brincar, entre elas a IPA Brasil, que compõe a Rede Nacional Primeira Infância ao lado de outras congêneres.

Mudanças profundas nos ambientes urbanos em que as crianças estão crescendo estão tendo um impacto importante sobre a sua oportunidade de brincar. A população urbana está aumentando, assim como a presença da violência em todas as suas formas: em casa, nas escolas, nos meios de comunicação e nas ruas que, ao lado da comercialização das oportunidades para brincar, influenciam negativamente as formas de envolvimento das crianças em recreação, bem como nas atividades culturais e artísticas. Além disso, o papel crescente das comunicações eletrônicas e as crescentes demandas educacionais estão afetando de forma significativa o direito de brincar, principalmente na primeira infância.

As crianças que vivem em situações vulneráveis ficam muito mais expostas às situações de risco que as impedem de participar e de desfrutar dos direitos contidos no Artigo 31 como: direito ao brincar, ao lazer, ao descanso, à cultura, às artes e à convivência com seus pares, participando ativamente da vida comunitária do seu entorno. Para muitas crianças, o trabalho infantil, o trabalho doméstico ou as excessivas demandas educacionais servem para reduzir o tempo disponível para o gozo desses direitos.

Apesar de constituírem um avanço, as atividades lúdicas, do brincar livre, do brincar pelo prazer de brincar, ainda não merecem a devida importância por parte dos diferentes atores que compõem o cenário social: gestores públicos, educadores, líderes comunitários, pais e familiares. Por diferentes razões o tempo gasto com o lazer e o brincar ainda são considerados por muitos setores da nossa sociedade, como tempo perdido e as pessoas que dele fazem uso, como pouco produtivas, superficiais, quando não, irresponsáveis. Para oferecer as condições adequadas para que o brincar aconteça, as cidades precisam criar espaços públicos para todos, propiciando a convivência entre diferentes grupos e idades. Além disso, o empoderamento dos moradores do entorno é fundamental para que esses espaços não se tornem espaços de disseminação das mais diversas formas de violência. Devem, então, ser locais cuidados e não, abandonados. Essa mudança de atitude decorre, sobretudo, da capacitação e comprometimento das pessoas, para que se apoderem positivamente dos locais de convívio.

Marilena Flores Martins, Assistente Social, consultora na área do brincar e do Desenvolvimento Social. Co-fundadora da IPA Brasil- Associação Brasileira pelo Direito de Brincar e à Cultura. (www.ipabrasil.org)

Seu filho já ralou o joelho hoje?

AUTOR (ES): **DW BRASIL** 19 / DEZ / 2015



Num país onde mais de 30 milhões de pessoas saíram da miséria na última década, crescem as preocupações com alimentação, moradia, saúde e educação infantil. Em todas as classes sociais, os pequenos ganharam melhores condições de vida. Mas o Brasil parece estar deixando de lado outro direito fundamental dos pequenos, previsto no artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança da ONU – o de brincar.

E preocupados com o fato de que as crianças brasileiras, cada vez mais, brincam menos, especialistas fazem um alerta: o ato de brincar na rua é fundamental para a formação de valores. Uma infância sem brincadeiras livres, longe das telas de gadgets, videogames e celulares, pode reduzir as fases do desenvolvimento, produzir adultos precoces e, mais tarde, emocionalmente instáveis, que se comportam como crianças.

"Não ir à rua ralar o joelho, subir em árvore, passear em carrinhos de rolimã e outras brincadeiras livres faz uma grande falta no processo de socialização. A criança acaba não desenvolvendo o juízo moral, que ocorre naturalmente quando se organizam sozinhas em jogos ao ar livre, como esconde-esconde, pique e brincadeiras com bola", opina Rosália Duarte, pesquisadora do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. "Existe o risco de estarmos criando uma geração de adultos mais egocêntricos, individualistas, com menor capacidade de trabalhar em equipe e personalidades morais menos sólidas e flexíveis".

O desenvolvimento e os desafios sociais e econômicos trouxeram obstáculos ao ato de brincar nas grandes cidades, mais verticalizadas e violentas, sem tantos espaços públicos capazes de tornarem-se palco para brincadeiras. Pais e mãe enfrentam, ainda, uma carga maior de trabalho e precisam deixar os filhos ocupados e em lugar seguro.

A infância é passada por muitos entre muros. Além da escola, pequenos acabam cheios de atividades desde cedo, como aulas de balé, inglês e futebol. Se falta tempo para atividades lúdicas e ócio criativo, sobra excesso de informação. E problemas futuros, aponta a coordenadora de comunicação da organização não governamental IPA Brasil, Renata Proetti.

"A própria urbanização e a violência excessiva fazem com que os pais sintam a necessidade de proteger os filhos. Faltam espaços urbanos para as brincadeiras. E mesmo aquelas crianças que crescem em condomínios fechados perdem o direito de se aventurar na rua, que é onde a criança pode ter experiências lúdicas, aprender e testar limites. Crianças precisam cair, se ralar, se machucar. Mas, em vez disso, estão presas a um conteúdo didático carregado, onde os pais apostam no futuro promissor para os filhos a longo prazo. Eles viram pequenos adultos com rotina digna de altos executivos", observa Renata.

Risco para a saúde

Criada no Reino Unido em 1961, a IPA (sigla em inglês para Associação Internacional para o Brincar) tenta capacitar pais, mães, voluntários e educadores para resgatar a importância das brincadeiras livres num mundo cada vez mais globalizado. Presente em mais de 50 países, a organização se preocupa com os efeitos sociais, psíquicos, cognitivos e de saúde da nova geração que cresce entre quatro paredes.

"Um efeito imediato que observamos nas crianças que não brincam livremente é físico. Essa criança se torna mais sedentária, se mexe pouco e desenvolve doenças precocemente, como obesidade, colesterol alto, estresse e ansiedade. Há ainda a erotização precoce, o amadurecimento precoce e o mergulho no consumismo. A longo prazo, os efeitos são mais preocupantes. A não socialização e não troca com o outro dificulta o desenvolvimento da

empatia, da capacidade de se colocar no lugar do outro. Como a criança vai aprender isso sozinha, na tela de um computador?", indaga Renata.

Para os pais, a saída é buscar o equilíbrio. Desde os 8 anos de idade, Carolina tem uma rotina tão ocupada quanto a de um adulto. Acorda às 5h30, vai para a escola, tem aulas de balé todos os dias e três vezes por semana pratica tênis de mesa. Hoje, aos 14, estuda muito para concluir o ensino fundamental e, quando chega em casa, está esgotada. Às vezes, conta a mãe dela, Alessandra Pereira, a menina sequer troca a roupa: desmaia de cansaço na cama e sonha com tempo livre nas férias. E Alessandra já faz planos de encaixar, no próximo ano, aulas de inglês na apertada agenda da filha.

"Ainda não sei com que tempo! Mas não me preocupo. O desgaste dela é físico, nunca psicológico. Ela foi uma criança normal e é uma pré-adolescente feliz. Gosta muito do que faz e tem excelentes notas na escola, como combinamos, para que todas as atividades pudessem ser mantidas. A interação com as colegas do balé, a atividade física, a disciplina que a dança exige não causam problemas. Ela convive com outras crianças", conta a mãe.

Computador devem ser dosados

Tantas atividades, avalia a professora Rosália Duarte, sugerem que as crianças estão sendo mais bem tratadas e têm mais oportunidades. Mas é preciso ficar atento para a relação cada vez mais estreita dos pequenos com a tecnologia, de modo a impedir o isolamento e permitir a socialização.

Os pais não devem ceder à dependência de brinquedos e produtos tecnológicos que acabam comprando para os filhos pelo marketing – e não pela consciência de que são, de fato, adequados ao desenvolvimento infantil. Smartphones, videogames e computadores, diz a especialista, devem ser aliados da educação, não responsáveis por ela.

"O grande risco é a brincadeira individualizada na frente da tela. É o mesmo debate surgido quando a TV invadiu 98% dos lares no Brasil, foi preciso dosar para que as crianças não passassem o dia em frente à tela. A solução é estabelecer limites para o uso das máquinas. Não há uma fórmula exata, de permitir uma ou duas horas por dia. Vale o bom senso. Se a criança precisa

fazer o dever de casa no computador, ela pode terminar no tempo dela e, depois, usar a máquina para se divertir um pouco", afirma Rosália.

E completa:

"Esse tempo depende do que a criança estiver fazendo. A chave é diversificar as atividades. Ela precisa usar a máquina, fazer o dever, brincar com os irmãos e amiguinhos, ligar para os avós ou fazer outras atividades. Ela precisa se socializar."

Veja a matéria original:

<http://www.dw.com/pt/seu-filho-jã-ralou-o-jelho-hoje/a-18921255>

O imaginário e o brincar das crianças

AUTOR (ES): **MOVA FILMES** 11 / DEZ / 2015



Segundo episódio da Websérie "O imaginário e o brincar das crianças" - Um passeio pela alma das crianças com Gandhi Piorski. Artista plástico, teólogo e um dos maiores pesquisadores da infância e do lúdico na cultura popular brasileira, Gandhi nos leva a escutar as sutilezas do cosmo entoadas a cada gesto do brincar.

Série dividida em quatro partes produzida por MOVA Filmes.

As descobertas da neurociência e o brincar

AUTOR (ES): **MARILENA FLORES MARTINS**



Brincar está voltando ao centro de atenções, tanto nos meios acadêmicos e científicos quanto por parte dos gestores de políticas públicas. Podemos afirmar que, finalmente, os adultos, sejam pais, profissionais ou agentes

públicos estão começando a valorizar as brincadeiras como meio fundamental para o desenvolvimento integral das crianças e das relações sociais pacíficas e cidadãs.

A neurociência comprovou que no decorrer de todo o processo de desenvolvimento, mesmo antes do nascimento, o cérebro é influenciado não apenas pela herança genética, mas também pelas condições ambientais, incluindo o tipo de criação, cuidados, ambiente e estimulação recebidos pela criança.

Os cientistas de várias disciplinas já compreenderam a importância do ato de brincar, pois ele abrange um amplo leque de experiências e comportamentos que influenciam diretamente o desenvolvimento das habilidades e competências das crianças, tanto em relação ao aprendizado, quanto ao desempenho afetivo-emocional e social.

Definir o que é brincar parece fácil, mas não é. Ele tem padrões determinados. As teorias que estudam as crianças concordam que brincar é importante e que ele existe para algum propósito. Isto implica em dizer que, quando a criança brinca, alguma coisa acontece. Alguns dizem que a criança aprende pela brincadeira, se torna emocional e fisicamente saudável e muito mais. Resumindo, toda a sorte de coisas boas acontece por causa das brincadeiras. Isto é bom para as crianças, por ser natural para elas. As crianças brincam o tempo todo, em qualquer lugar e não precisam dos adultos para isso. É só observá-las em locais onde aparentemente não há nada para brincar, como em um supermercado ou feira livre, por exemplo.

O problema é que os adultos têm o hábito de interferir, ou na melhor das hipóteses, de ajudar. No caso do brincar, parece que muitos deles gostam de “dar uma mãozinha” para que o brincar faça o que eles acham que deva fazer. Isto só acontecerá se deixarmos com que as crianças brinquem sozinhas. Porém, algumas interferências podem ajudar. Por exemplo: professores podem utilizar jogos para desenvolver habilidades importantes para o currículo escolar; especialistas podem usar brinquedos para tornar a estada de crianças no hospital, mais amena e comunicar a elas o que irá acontecer enquanto estiverem lá.

A formação do vínculo positivo e harmonioso entre os seres humanos se inicia no vínculo mãe e filho, com as primeiras trocas de sorriso, carinho e alegria, gerando confiança e produzindo um modelo que se replicará por toda a vida. À medida em que as crianças crescem e se desenvolvem, suas habilidades e competências começam a emergir pela exploração das brincadeiras, principalmente as que promovem a estimulação sensorial. Assim, brincar com objetos coloridos, de diferentes texturas e sons na primeira infância, pode contribuir para o surgimento de pessoas bem sucedidas e talentosas, fato já comprovado por pesquisas científicas, em diferentes países.

Os adultos que têm sucesso na sua vida pessoal e profissional, certamente, são os que tiveram uma infância com muitas oportunidades para brincar e conviver alegremente com seus pares, além da própria família. Não podemos nos esquecer de que o brincar acontece quando as crianças fazem o que têm de fazer, isto é quando deixadas por sua própria conta para decidir do que brincar e com quem brincar.

Para realmente oferecermos às crianças as oportunidades adequadas para brincar, precisamos lembrar que elas tanto podem ser um pouco de terra com água para fazer um “bolo”, quanto uma lente de aumento para observar formigas. Resumindo, se conduzido pela criança é brincar, se conduzida pelo adulto é atividade.

Esta seria a melhor definição para o papel do adulto que conhece e respeita a necessidade de brincar das crianças: “É a arte e a ciência de facilitar a brincadeira das crianças”. Facilitadores são pessoas que tornam as coisas mais fáceis para os outros. As pessoas que utilizam essa metodologia fazem com que brincar fique mais fácil para as crianças.

Lembramos ainda que brincar também é um direito da Criança, assegurado pelo Artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança que, no seu Comentário Geral (www2.ohchr.org/english/bodies/crc/comments.htm) sobre o mesmo destaca que governantes e legisladores devem adotar medidas específicas, visando respeitar e proteger o direito de cada criança, individualmente ou em grupo, para atender aos seus direitos segundo o Artigo 31, incluindo entre outros:

- Apoio para profissionais, pais e cuidadores com orientação, facilitação e apoio sobre o Artigo 31, o que pode ser na forma de orientação prática;
- Atuação para desafiar atitudes culturais muito difundidas que agregam pouco valor aos direitos contidos no Artigo 31, incluindo informação pública sobre o significado do mesmo e medidas para desafiar atitudes negativas difundidas;
- Legislação para garantir o acesso de cada criança, sem discriminação em nenhum nível, às oportunidades oferecidas pelo Artigo 31;
- Legislação e planejamento para assegurar que cada criança tenha tempo e espaço suficiente em sua vida para o exercício dos direitos contidos no Artigo 31, juntamente com cronograma de execução e recursos suficientes para a mesma.

No entanto, será preciso a participação de todos os atores sociais, para oferecer à Primeira Infância, as condições necessárias para o seu pleno desenvolvimento, com conseqüências positivas para toda a sociedade brasileira. Neste sentido, o aprofundamento dos estudos sobre o brincar contribuirá para a compreensão das bases ideais para que esse desenvolvimento ocorra de forma harmoniosa e consistente.

Marilena Flores Martins é Assistente Social, consultora na área do brincar e do Desenvolvimento Social. Co-fundadora da IPA Brasil- Associação Brasileira pelo Direito de Brincar e à Cultura (www.ipabrasil.org).

Ilustração: Jeff Camargo

Ilustração Balão de Amor

AUTOR (ES): **JEFF CAMARGO**



Ilustração sobre carinho e brincadeira

É parte da vida

AUTOR (ES): **VANESSA FORT**



Em um trabalho coletivo que envolveu meninas, meninos, adolescentes, famílias, educadores e diversos outros profissionais dedicados à infância, a publicação uruguaia “Es parte de la vida – material de apoyo sobre educación sexual para compartir en familia” dedica-se a um universo muito especial: a educação sexual em contextos de inclusão. A publicação está disponível aqui: http://www.unicef.org/uruguay/spanish/Es_parte_de_la_vida_tagged.pdf

De maneira muito delicada, o trabalho aproxima e compõe definições da Organização Mundial da Saúde juntamente às definições feitas por meninas e meninos que frequentam escolas especiais de Montevideu e às lindas ilustrações da artista Denisse Torená. Oferecendo um repertório amplo e sensível para o tratamento e debate de todos os temas que envolvem a sexualidade junto com crianças pequenas, crianças maiores e adolescentes, e ainda colocando luz em diversos tipos de deficiência. A narrativa da publicação acompanha o crescimento, a puberdade, a vida adulta.

As descobertas íntimas e intransferíveis que a sexualidade permite, a partir de aspectos de natureza humana, como o erotismo, a busca de prazer, a necessidade de privacidade, o caráter pessoal do desejo que pode ser expressada através de diversas formas e buscas são apresentadas de maneira suave e amigável com apoio de texto simples e ilustrações cheias de poesia. O trabalho tem uma abordagem natural com diversas tonalidades,

desmistificando temas, tabus e temores, potencializando todas as oportunidades para a construção dos sujeitos e das identidades, e o papel que a sexualidade tem nesta construção...Porque falar de sexualidade implica falar de afetos, sensações, emoções, sentimentos, não é?

O Programa de Educación Sexual da ANEP – Administración Nacional de Educación Pública, responsável por criar políticas públicas de educação sexual está criando uma série de ações de educação sexual e a publicação faz parte desta proposta, que ainda tem envolvimento da Nações Unidas, iDi – Instituto Interamericano de Discapacidad y Desarrollo Inclusivo, UNFPA - Fondo de Población de las Naciones Unidas do Uruguai e UNICEF - Uruguai.

Brincar na natureza

AUTOR (ES): **MARILENA FLORES MARTINS**



Brincar com elementos naturais é fundamental para o aprendizado e a solução construtiva de problemas. As crianças estão crescendo com menos liberdade para fazer suas próprias escolhas. Desta maneira elas se tornam adultos com baixa criatividade, perdendo sua infância e a oportunidade de serem pessoas autônomas e independentes. Crianças já são normalmente ativas. Elas só precisam de espaço. Atualmente quase não é dada a elas a possibilidade de brincar com esforço físico.

Segundo pesquisas divulgadas recentemente, uma nova geração já demonstra mais fraqueza em atividades com relação à geração de crianças de dez anos atrás. “É questão do uso e desuso. O que você não usa, atrofia. O que você usa, melhora a sua performance, melhora a sua prática”, explica o presidente da Sociedade de Pediatria do Rio de Janeiro, Dr. Edson Liberal.

No seu livro “The Last Child in the Woods”, o pesquisador americano, Robert Louv identifica disfunção nas crianças, gerada pela falta de contato com a natureza enfatizando que:

- Crianças humanas não são “desenhadas” para sentar-se na frente das “telinhas”. É contra a sua natureza humana e precisam de tempo e oportunidades para brincar nos espaços externos;
- Manter as crianças fechadas em casa ou nas escolas, sob olhares vigilantes o tempo todo, impede que desenvolvam sua independência e a capacidade de avaliar e correr riscos;
- Investimos mais e mais em tecnologia e brinquedos industrializados e oferecemos menos possibilidades de escalar e subir em árvores. Instalações artificiais nunca poderão ser comparadas à complexidade e à diversidade da natureza e atendem, muitas vezes, às necessidades dos adultos;
- Proporcionar educação ambiental é oferecer às crianças, oportunidades para conhecer os pássaros, insetos, árvores, estimulando-as a observá-los fora da sala de aula.

Podemos citar alguns efeitos positivos de brincar na natureza: liberdade, criatividade, atividade física, estímulo, habilidade motora, imaginação, capacidade de observação, interações sociais, relaxamento, tolerância à diversidade. Atividades na natureza oferecem oportunidades para que todos se envolvam em eventos na sua própria comunidade, dando-lhes o sentido de pertencimento.

O design dos espaços deve: oferecer oportunidades para brincar com elementos da natureza e combiná-los com os equipamentos; utilizar os desníveis e vegetação locais; ser desenvolvido com a participação da comunidade do entorno; oferecer oportunidades para todas as idades, incluindo os adultos e as pessoas na terceira idade.

A carência de contato com a natureza, muitas vezes motivada pela insegurança dos pais em permitir que seus filhos corram riscos, associada a uma agenda com excesso de atividades para as crianças, foi apontada em pesquisa recente realizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria, como fator que vem provocando nas crianças, transtornos de ordem física e emocional. O excesso de expectativas e cobranças altas em relação a elas pode ainda gerar pressão e provocar estresse nas crianças. A criança que brinca na natureza e livremente, beneficia-se dos atributos da espontaneidade, autocontrole, imprevisibilidade, falta de propósito e controle pessoal. Os adultos devem permitir que as crianças brinquem!

Marilena Flores Martins, Assistente Social, consultora na área do brincar e do Desenvolvimento Social. Co-fundadora da IPA Brasil- Associação Brasileira pelo Direito de Brincar e à Cultura.(www.ipabrasil.org).

Web série com Gandhy Piorski discute o imaginário e o brincar

AUTOR (ES): **MOVA FILMES**



Um passeio pela alma das crianças com Gandhi Piorski. Artista plástico, teólogo e um dos maiores pesquisadores da infância e do lúdico na cultura popular brasileira, Gandhi nos leva a escutar as sutilezas do cosmo entoadas a cada gesto do brincar.

Série dividida em quatro partes produzida por MOVA Filmes.

Auspiciu de vôo no brincar

AUTOR (ES): **GANDHY PIORSKI AIRES**



Nestes já findos dias de setembro, quando ainda ventos sopram copas, arrancando-lhes as flores e sementes de tão leves voos, quero vos lembrar nesta breve carta, de coisas guardadas no olhar das crianças. Quero lembrar-vos apenas para que não duvidem mais saber.

Quero, com estas palavras, apenas inspirações de pouso e rotas de voos. Rotas de asas desenhadoras de ar. Sabem, caros amigos, imagino colocar um finíssimo pincel nas pontas das asas de um passarinho e esperar que suas piruetas de nados no ar, neste oceano de ar, traduzam um impressionismo da liberdade. Um impressionismo dos sonhos mais livres.

Passarinho não poderia um expressionista ser. Não é dado à existência, ao encarnamento dos sentimentos. Passarinho é mais o ar livre de Renoir. Dado aos pictóricos das sombras que não se fazem nos pretos da paleta, mas nos traços luminosos e claros instruídos aos pintores do ar livre. Sombras quase nunca pretas, mas nascidas nos dourados e resquícios azuis do violeta. Pois das asas incidem as predominâncias da clara luz. Do voo nascem as mais prodigiosas insinuações de se elevar. Já observaram? Já viram como crianças, meninos, não sossegam de admirar, de buscar, de caçar tanta luminosidade? Duvido que menino caçador de passarinho só queira o bichinho. Suspeito com forte tendência à convicção que o menino com sua

arapuça seja mais um buscador da luz, um pintor de pouquíssimos contrastes, um sonhador do dourado azul. Não poderia reduzir a gaiola apenas à maldade de prender. Comparo, por vezes, a gaiola do menino à moldura do pintor de relvas e fontes, copioso das luzes no ar.

Entretanto, a todos vocês, quero melhor me explicar. Para que investiguemos com cuidado os desejos de asas nas crianças, devemos aspirar não somente a matéria do ar, nem apenas a luz de fora, solar. Não é uma questão de vasculhar a matéria do oxigênio, nem as propriedades prismáticas do espectro solar; é uma questão de investigarmos a luz. Para iniciarmos neste entendimento vos ofereço Jacob Boheme: “Mas agora reflète: de onde vem o matiz no qual a nobre vida se eleva, de tal modo que, de adstringente, de amarga e de ígnea, ela se torne doce? Não encontrarás outras causas senão a luz. Mas de onde vem a luz para brilhar assim num corpo tenebroso? Falas do brilho do sol? Mas que é que brilha então na noite e dirige teus pensamentos e tua inteligência, de modo que vejas com os olhos fechados e saibas o que fazes?”

Qual segredo da luz se esconde na cobiça do menino pelas asas do passarinho? Este segredo está no voo aberto, no vento, no céu, na largura de horizontes? Ou na liberdade que açoita ventos em campos de girassóis no interior da criança? Caçar criaturinhas do voo é apenas uma curiosidade pela mecânica dos corpos a flutuar, das asas presas do bichinho que luta em desespero pela fuga? Ou uma quase obsessiva busca pela luminosa, clarificada suspensão de seus sonhos e desejos de a si alargar, clarear?

Afirmo: não é possível examinarmos a suspensão no brincar, as brincadeiras do voo, se não for pela luz.

Examinemos. Mesmo o voo noturno é agudíssimo à luz. Luz das estrelas, da lua, do brilho no mar. O menino conhecedor dos passarinhos da noite tem olhos sensíveis ao prata das penas, ao brilho e reflexo de seu olhar. Por outra, menino caçador das asas diurnas é sensível aos pigmentos, aos tons tão diversos de canelinhas cor de grafite, bicos vermelhos, cristas rubras, penas cintilantes, tons desses surpreendentes seres que fazem as cores flutuarem.

Mas observem, observem bem, essa luz que encanta o olhar, esse cintilamento, é só o mais superficial impulso da busca. Há o intento axial como nos diz Boheme, aquele que se mostra em nossos olhos fechados. Assim, aos que até agora me acompanham, digo: menino e passarinho é metáfora de acendimentos. Verticais e cintilantes acendimentos. Acendimentos do ser. Pois a luz do voo é das planuras da alma, da esperança imaginal.

Precisemos aqui, marquemos já: é da luz a substância aérea do brincar. Isso é um primeiro chão, um lugar em que pousamos para examinar. Mas que agora devemos seguir encontrando esta luz por todo o sonho do menino. Esta luz que o vincula, como nos diria Giordano Bruno (em seu tratado sobre o vínculo), ao corpo do passarinho. Pois é de uma das propriedades do vínculo penetrar pelos sentidos até de todo o outro se apossar. E os sentidos do menino, no passarinho, se comovem e se deixam dominar. O ouvido logo é seduzido pela larga espacialidade, ecoada, do fino canto. A visão maravilhada pela flutuação de cores. O tato delicado que permite a captura num só apalpo, leve e firme, fixa as asas, as piruetas do voo. Não são todos os meninos que tem tato para tirar o bichinho da armadilha. Que conseguem trazer à mão as plumas destas criaturas, esses auspícios de alturas!

Lembram-se do latim? Dessa língua de chaves? Pois bem, Auspiciu é uma palavra dizendo que são as aves quem vem anunciar. Menino de passarinhagens quer auspiciu da luz, premonição das planuras, venturas do céu, agouros e açoites do mistério, serviço de natureza oracular. Um além das imagens imaginadas, um dinamismo tal que a imaginação se volatiliza, perde total fixidez, extingue-se na luz, aparta-se de qualquer limite.

Sim, pois das substâncias materiais que alimentam a imaginação, o voo é a mais íntima narrativa da liberdade. A imaginação do menino que persegue o voo, que caça suas asas é quase ausente, livre de imagens. É um exercício de expansão, de extinção de imagens no campo da luz. Escoa para o infinito o brincar das asas. E é mesmo um brincar, pois poucos meninos são colecionadores de gaiolas. Os mais velhos sim, os adultos se fixam na fixidez do passarinho. Os meninos amam mais as caças, capturas. Gostam muito de se armar de visgos. Alguns até criam, até se mostram como bons caçadores pelo cantar de seus bichinhos. Mas logo se livram, trocam, devolvem, soltam

e reparam com atenção naquele dia em que dão liberdade novamente ao voar.

O dia em que o menino solta o passarinho preso! Que maravilhoso dia de livramento! Na alma do menino este é um dia inscrito. Por decisão própria solta o passarinho que ele próprio capturou. Cada gesto do bichinho nas vésperas da alforria, cada pressão de suas unhas fininhas nos dedos do menino, cada explosão de asas, tudo cinzela no ser o ígneo poder do livre. O despretendido e altivo valor do liberto. O amor selvagem e simples do cativo pela possibilidade de alçar-se do chão. Lembrei com isso – faço aqui uma pausa para um devaneio - de um amigo, um caboclo da serra, coletor e vendedor de mel silvestre. Todas as vezes que paro na estrada para mais uma compra dessas substâncias nobres da floresta, substância aérea das abelhas, ele se despede de mim dizendo: Deus te dê livramento! Às vezes só lhe compro mel para ouvir essa bênção do ar, para cobrir-me de asas do livramento, de guarda angélica.

O menino e o passarinho tem uma pureza de filiação. Não é uma ingenuidade de filiação. Pois menino mata passarinho, derruba de uma pedrada veloz o miúdo de asas lá do alto da árvore. Depena, tira as entranhas e frita. Come com farinha. Acha saboroso. Pensa em novamente caçar. Mas a pureza que aqui sustento, caros amigos, é da ordem dos cumes. Das coisas aéreas, de uma forma de sublimação que está na imaginação do menino, na imaginação que trás em si informações, substâncias altivas do ar. Não é somente o voo real, externo, das asas e penas que inspira a busca do menino. Mas é a substância guardada, dentro, no centro da imaginação. A informação imaginária é quem acorda meninos para as amplitudes. O mais próximo arauto das alturas na vida do menino de natureza é o passarinho. Assim a imaginação faz do bichinho a matéria de se ampliar.

É uma espécie de propósito, de vínculo que a imaginação vê no passarinho. Este servirá de suporte, de vetor, para o ser do menino mais valores de alturas saber capturar. Valores que etéreos de imagens. De poucas imagens, pois o dinamismo do voo extingue as imagens. Ver do alto é ver o longe, é uma experiência de amplidão. Não é a toa que, dizem muitos meninos, comer o coração do beija flor melhora a pontaria. Comer a energia vital do mais veloz dos bichinhos é se apossar de sua visão do alto, de sua visão que quase não ver a imagem da flor, mas a luz, a cor da flor.

O menino que aprisiona o passarinho - desconfio com intuição de alvo - é aquele que não quer se fixar por muito tempo nas imagens do mundo. Menino de vigoroso dinamismo de imagens, menino imaginador. É aquele que não quer a sala de aula, que não tolera paredes e carteiras, mesmo estando elas em círculo. Muitas crianças não toleram paredes, muitas crianças agouram a vida escolar. Mas em algumas dessas, as mais especialistas, a imaginação incide como flecha para a vigor da luz. Exige, empurra, joga a criança a si alargar. Caçar passarinho é uma urgência de abertura. Passarinho vivo ou morto é estudo de expansão, é horizonte investigado, é experiência de visão oblíqua.

Deixo claro a vocês, caso atentos estejam ao sentir: não me divirto com a morte desses miudinhos de asas. Mas percebem o que quero dizer? Até mesmo abomino a perseguição irrequieta de meninos que não deixam passarinhos em paz. Passarinhos, digo com convicção, devem viver em paz. Sou mesmo admirador deste sanitarismo – como diria Nietzsche - budista: que todos os seres sejam livres e se libertem, que todos os seres felizes! Mas não posso aderir à simples condenação sem deixar de ver o que há. De perceber o que instrui a imaginação dos meninos na caça, ou dos meninos no voo.

Tenho visto que voo é um campo vasto de brinquedos e brincadeiras. Mas passarinho e menino tem um teor de gravidade e urgência imaginal. Urgência da mais perspicaz necessidade de atar, apanhar, dominar o voo.

Assim, pergunto só para vos provocar: esta perspicácia devolverá ao menino, quando vitorioso em seu intento, quais imagens? Qual senso de vitória? Um justo senso? Uma equânime experiência do ar? Haverá um alargamento do ser pela instrução do passarinho ao alcance do menino? Ou uma fratura das compreensões e valores do livre voar? Haverá a nascença da esperança para um sentimento preso, trancafiado, enrijecido, pousado, visgado (do visgo das seivas) rente ao chão?

Digo então, talvez já criando uma rota de fuga: não me interessa tanto em responder essas questões. Perguntas assim gosto de deixá-las nascer, mas pouco me importo em responder. Impuseram-se, então as escrevi, estão aqui, ficam a ecoar, e quem sabe, com elas, intuições nos venham amparar. Mas

apenas de uma percepção de tais interrogações costumo me servir: quantas e quantas perguntas sobre a alma das crianças podemos fazer! Quantas coisas maravilhosas se soubéssemos acompanhar, sem julgar, poderíamos perceber no que mais interessa ao espírito de cada criança! Quão importante será encontrar, não nas respostas, mas nas perguntas, se as deixarmos nascer, o respeito à individualidade de cada criança!

Atemos mais os laços dos verbos, para que não nos escape a alma, para que a chama poética não se disperse em palavras vagas. Mas que seja instrutiva ao nosso pensar, para que repercuta de forma vívida em nossa reflexão. Para que poesia seja conselho de si a si próprio, luz do espírito. No entanto, para isso, devemos deflagra-la e reconhecê-la móvel, dinâmica. Dinamismo semântico que acorda arcaicas terminações nervosas, fundeando (como dizem os pescadores) âncoras no profundo de nosso mar. Mas mais diretamente, ao que tenho a mim imposto, em meu dever fenomenológico de imagens, devo flagrá-la - a poesia – em nascença, na alma da criança.

Precisamente, especificamente quero dizer: o menino dos passarinhos é um menino especialista. Há muitos meninos (você os tem visto?), especialistas em tantas matérias e substâncias do brincar. Mas o menino de passarinhos tem a especialidade das asas. E a especialidade das asas revela interesse em benefícios. Por qual mais vivo caminho o menino poderia conversar com as distâncias, com a solidão, com o sopro silente do ar? O pequeno caçador de passarinhos sabe do silêncio. É um ouvidor de cantos nas copas. O silêncio imposto à caça é um silêncio que impõe a paisagem, é uma audível presença do que compõe a floresta, o lugar. O que compõe aquele sistema de vidas, mas também o que compõe as imagens ajuntadas por todas as histórias ali, naquela geografia, narradas. Sejam histórias rasas, pueris ou fundas, fantásticas.

O silêncio imposto à caça o voo não é o mesmo silêncio do caçador de preás. O perseguidor dos preás está concentrado na substância do chão, o dos passarinhos quer a substância do ar. Pode até ser a mesma criança. Mas se hoje é passarinho, hoje a imaginação quer o ar. Em cada lugar das substâncias materiais há um lugar das substâncias imaginadas. Há um desejo de se afundar na intimidade transcendente daquela substancialidade. Pois imaginação é coisa do vir-a-ser, é esperança em quase tudo, inclusive nas substâncias materiais.

Deste modo podemos dizer: silêncio de capturas do ar é potencialidade ansiada de a si próprio alçar. Ali naquele silêncio que aguarda o pouso, há o aguardo de uma substância. A ventura do pouso anuncia o cimo. Sabemos pelo sertão, pelas montanhas, beiras de mangue e mar histórias de passarinhos e agouros, anúncios de passarinhos e temores, cantigas de passarinhos e tempos propícios. Sei bem que já ouviram algumas dessas histórias de ornitólogos meninos. Mas quero aqui mais vivamente vos lembrar. Vejamos quantos, quantos jeitos de fazer desses bichinhos o anúncio do mistério.

Meus amigos, Dudu, Hernani, Davi, Jardel, Samuel, Anderson e alguns outros de montanhas onde vivem passarinhos, são desses meninos especialistas em voo. Por fezes fazemos rodas só de coisas das asas. Fazemos enxurradas, cachoeiras de nomes de passarinhos. Outro dia, com o propósito de vos escrever, fiz mais uma dessas rodas com eles. Chuva, tempestade de assobios despencou naquele dia. Cada passarinho é um tom, cada menino é mais afim ao bico de um bichinho. Junto com o canto, os meninos assobiam e depois explicam, vem um anúncio. O Bem-te-vi é anunciando o bem em te ver. O Vem-vem intui a chegada de algo ou alguém. Os enamorados quando ouvem o Vem-vem logo se alegram, seu amor poderá chegar. Pode ser notícia boa ou ruim. A corujinha Caboré, chamada também de rasga mortália, se cantar num voo por sobre a casa, algum parente morrerá. Quantas noites assustadoras, sem dormir, eu vivi quando uma dessas corujas cantava num sobrevoos de morte sobre minha casa!

Mas não é só do canto que vem o anúncio. Do gesto também. Que delicadeza observar gesto de passarinho! O ninho do Beija flor feito na entrada da casa ou na janela do quarto é profecia de realização. Se algum menino matar o passarinho Lavadeira, que fica nas beiras dos açudes e córregos, será castigado, pois a lavadeira lavou as roupas do menino Jesus. A Rolinha que visita uma casa é sinal de esperança. A tristeza de muitos lamentos de passarinhos, especialmente os das noites dos sertões, assusta com o desconhecido daquela anunciação. E por aí vai. Uma etnografia de crianças e passarinhos é de muitos ramos. Não nos percamos neles agora.

É certo que muitas dessas histórias de agouros e anúncios não nasceram da infância. Mas é certo também que as crianças do voo adotam-nas com

convicção. Muitos até duvidam, mas precisará de muita ousadia para um desses caçadores de asas acertar um tiro de estilingue numa Lavadeirinha de beira de córrego.

Mas voltemos. Naquele dia, na roda de assobios, brinquedos das asas, em poucos minutos, encarrilhados num só voo, choveu nome de passarinho: Andorinha, Beija-flor, Bem-te-vi, Sabiá, Rolinha, Vem-vem, Lavadeira, Papa-arroz, Bigodeiro, Bicudo, Jacú, Galo-campina, João-de-barro, periquito Papacú, Golinha, Anum, Graúna, Galo-flecha, Gatinha, Sibite, Sanhasú, Coruja, Bacurau, Papa-capim, Gavião, Carcará, Pombo, Pombinha do mangue, Azulão, Corrupião, Corrupião-preto, Alma-de-gato, Avoante...

Todos esses nomes tem um lugar no menino, ou meninos tem lugar em alguns nomes de passarinhos. Nomes que moram nos conteúdos, nas imagens da criança. Vivem como reservas de ampliação, de descolamento da gravidade social.

Contudo, já aqui, amigos de voo, quero vos provocar com uma derradeira proposição. Não teremos espaço, nesta carta aberta de asas, para mais tanto tempo de voo. Sim, pois ainda estamos nos voos ao alcance das vistas do menino. Nos voos de copas. Sabemos que voos de instâncias mais ousadas acompanham o brincar. Talvez não tão urgentes e agudos como a caça das asas. Mas certamente voos mais altos, dialogando com mais profícua imensidão, podem ser encontrados nas pipas. Mas pipa é outra coisa. Hoje somos ornitólogos do brincar. Quero com mais calma vos convidar para entrarmos num borboletário do brincar, e mais adiante vestir-nos de entomologistas (dos insetos de asas) ou botânicos (das flores que são hélices) do brincar.

Mas hoje, para passarinhos e meninos devemos DAR VENTURA ao nosso olhar.

Aqui há a formulação clara de um drama: a caça.

O hábito, o paletó escolar imposto ao gênio de algumas crianças é quase sempre um claustro, um arrocho paralítico. A escola com suas imagens prontas, habituais, não percebe que esta detendo a força imaginante das crianças.

Esfolar a cabeça do passarinho com um tiro certo de baladeira, ver sua queda, esperar o impacto de seu corpinho minúsculo no chão é marca da verticalidade do voo? Quão aguda é essa imagem para a pedagogia que só quer o brincar sem a dor! Quão contundente o desejo deste menino que brinca e se diverte com a queda!

A queda também é lição de voo. Denota uma ausência. Aterra, agrava e fere o voo. Muitas vezes a caça, a agressão ao passarinho, sua queda de morte tem uma força dinâmica mais real que as imagens do voo idílico e contemplativo da pipa sem o cerol. Passarinho ferido será obra de menino represado de imagens? Será manifesto agourento da inerte vida social, escolar? A casa, a família, o pai, a escola, o lugar, muitas vezes não alcançam a interioridade ascensional de uma criança. Julgam, duvidam, ironizam. Mas o poder de seta de sua imaginação não se acanha com a gaiola que é seu círculo social, com a arapuca que é seu professor: quer o voo sem precedentes, o voo vertiginoso. Como no mito judaico, Jacó agarrado ao anjo, em luta determinada sem o deixar subir. Não o largou, disposto a morrer ali, apertado àquele ser alado, enquanto não obtivesse sua ventura, sua bênção. Assim o menino agarra o voo, querela com as asas, por desejo de graça e ventura?

Certamente tudo isso dito tem possibilidades de incontáveis entendimentos. Tantos modos de se examinar. O Próprio estudo do ar nas brincadeiras é de muitos caminhos. Até agora, quis vos convidar para vermos as coisas das copas. Mas muito ainda precisamos ver. Pois mesmo só das copas do brincar examinamos muito pouco.

Mas confesso que meu coração muito forte grita quando se trata da arapuca escolar. Essa necessitamos desarmar com urgência. Ela de muito longe, não conhece a força de individualidade das crianças. Muito menos sua capacidade de transcendência no brincar. Sonho em um dia ver uma turba de meninos declararem abertamente o desmanche dessas gaiolas de educar.

Começamos hoje, meus caros, neste Cosme e Damião, com reflexões abertas. Com mais questionamentos que respostas. Aos poucos, devagar, devemos adquirir mais audição para ouvir meninos.

Com sincera alegria,
Gandhy Piorski

Beira do Lado, 27 de setembro (lua de Cosme e Damião).

Gandhy Piorski Aires é Teólogo (UFC), Mestre em Ciências das Religiões (UFPB), Artista e Pesquisador das práticas da infância.

Para a infância, o ambiente é meio

AUTOR (ES): **GABRIELA ROMEU**



Pelos quintais Brasis afora, a relação da criança com a natureza não é de preservação. É de simbiose. Para as muitas infâncias brasileiras, o ambiente é meio. É o meio fundamental para o exercício de ser criança.

Em quintais de cidadezinhas mineiras onde os pequizeiros se espalham sem medo, meninos e meninas se perdem entre seus galhos. Do pequizeiro pulam para o jatobá em busca do fruto saboroso que tingem os dentes de verde. Quem passa desavisado por ali provavelmente nem avistará os meninos-galhos, tamanha é a simbiose entre árvore e criança.

São muitos os exemplos da árvore-brinquedo. As mangueiras dão a sombra para brincar de roda nos quintais. E, se coquinhos caem do pé, eles viram munição para uma guerrinha pelas ruas. Também caídas, as sementes de uma das espécies do jacarandá têm um formato de faquinha e vão parar nas brincadeiras de casinha das meninas.

A água, a terra, a areia, as sementes, os caroços, as folhas e as plantas também são matéria-prima usada nos brinquedos feitos pelas crianças, que os misturam com pneus, chinelos de borracha, tampas de achocolatados, aros de bicicleta e outros restos do cotidiano encontrados pelos quintais. A natureza e a vida dão a liga, são a essência para meninos e meninas se conectarem com o mundo à sua volta.

Quando essas crianças chegam às escolas, até naquelas das zonas rurais, o discurso do educador é de preservação, soando de modo dissonante da realidade da infância que vive a urgência do hoje – quem inventou essa história de que “criança é o amanhã”?

Claro que a Terra requer ações conscientes que projetem o seu (nosso) futuro, mas as crianças deixam claro que a sintonia com o futuro tem que começar já, hoje. E de verdade. Não vale o professor apenas inventar uma oficina para fazer “coisas com garrafa PET” como se isso só fosse despertar um sentimento de cuidado com o planeta.

Acompanhada da jornalista Marlene Peret e do fotógrafo Samuel Macedo, parceiros do projeto Infâncias, vi algo parecido lá no Vale do Jequitinhonha. Nas ruas e nos quintais, as crianças vinham ávidas apresentar seus brinquedos feitos de natureza quando perguntadas sobre o assunto. Logo surgiam petecas de bananeira, pernas de pau, bодоques, papagaios de bambu.

No ambiente escolar, o mesmo chamado obtinha resultado muito diferente: os brinquedos não tinham a força da vida que nascia dos quintais. De certa forma, os brinquedos feitos na escola lembravam trabalhos das aulas de artes dadas à reprodução (sem espaço para a criação), anunciando que a escola estava desconectada da vida – da vida nos quintais.

Nesse diálogo com as crianças pelos quintais do Brasil, ficam muitas lições. Uma delas é que as crianças têm muito o que nos ensinar quando o assunto é natureza. Basta permitir que o ambiente seja de fato o meio para a infância.

** Texto originalmente publicado no Comkids Green – Relato e Reflexões, resultado de um encontro realizado no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, que discutiu as relações entre infância, audiovisual e meio ambiente e que teve a participação do projeto Infâncias (www.projetoinfancias.com.br).*

Meninos Caçadores de Guaiamum

AUTOR (ES): **RENATA MEIRELLES**



Ansiosos, gestos rápidos e falas curtas os meninos querem porque querem ir ao mangue armar ratoeira para pegar gaiamum (uma espécie de caranguejo). Estamos em Acupe, no Recôncavo Bahiano, é de manhã, uma quarta feira, o almoço e a escola chegará em breve, mas não há argumento que os convença de que aquele não é um momento adequado.

O combinado é ser breve, achar o local, armar a ratoeira e voltar. Impossível, já deveríamos saber. Caçar não é algo que se faça com tempo marcado, com regras externas a própria caça. Quando se sai para caçar é necessário deixar o tempo para trás e viver o tempo do animal, o tempo do momento presente, do estar ali intensamente.

As ratoeiras eram emprestadas o que gerou uma tensão extra para essa caça, afinal, é preciso largá-la armada com uma isca e voltar outro dia para verificar se o gaiamum caiu ou não na armadilha. Caso um outro grupo de meninos passe por lá e encontre a ratoeira, certamente não a deixará intacta no local. Perder essa ratoeira significaria se explicar para o dono, além da tarefa de confeccionar uma nova.

Confeccionar uma ratoeira tornou-se ainda mais difícil desde o momento em que os fabricantes de óleo de cozinha resolveram que suas embalagens não

seriam mais de lata e sim plástico. Aliás, não só a ratoeira mas inúmeros brinquedos sofreram adaptações depois que os fabricantes de óleo tomaram essa decisão.

Achar o buraco na lama habitado pelo gaiamum exige saberes específicos sobre as fezes desse crustáceo. A consistência e o local onde foi deixado dão sinais se há ou não um habitante ali.

Os meninos mal podem nos explicar o que fazem, estão absolutamente mergulhados no chão e absortos em captar os sinais do ambiente. Certo, vamos apenas acompanhar os gestos deles e compreender o que tiver que ser compreendido baseados apenas nesses gestos.

Certificado que há gaiamum morando ali dentro, tiram o limão do bolso e espremem algumas gotas dentro do buraco. Um tempero atrativo para que saia mais tarde em busca de alimento.

Chegou o momento de armar a ratoeira. Gestos finos, pouca fala, precisão nas mãos ... bem diferente daquela ansiedade logo pela manhã. Agora o tempo é de silenciar o corpo e entrar no gesto do caçador que não desperdiça movimentos. Um pedaço do limão é delicadamente posicionado no interior da ratoeira, de tal forma, que ao mínimo toque seja acionada o fechamento da "portinha". Uma engenhoca incrivelmente funcional.

Tudo armado, agora é hora de voltar para casa e se arrumar para ir para a escola, e ao final do dia voltar para verificar se o gaiamum comeu a isca, certo? Não. Ir embora agora? Isso é uma missão quase impossível. E todos os outros caranguejos que estão pedindo para serem caçados? Como os olhos desses meninos podem ver essas criaturas, sem serem impulsionados a capturá-los? Como entrar em uma sala de aula logo depois de armar ratoeira? Com que corpo esses meninos, ainda sujos de lama, vão conseguir sentar a frente de quadros e ouvir o professor? Já devíamos saber disso. Impossível querer tirá-los desse universo. Mesmo contrariados lá foram eles tomar banho, vestir a camisa da escola e entrar em outro universo.

Texto e fotos de Renata Meirelles, publicado no site do Projeto Território do Brincar (www.territoriodobrincar.com.br).